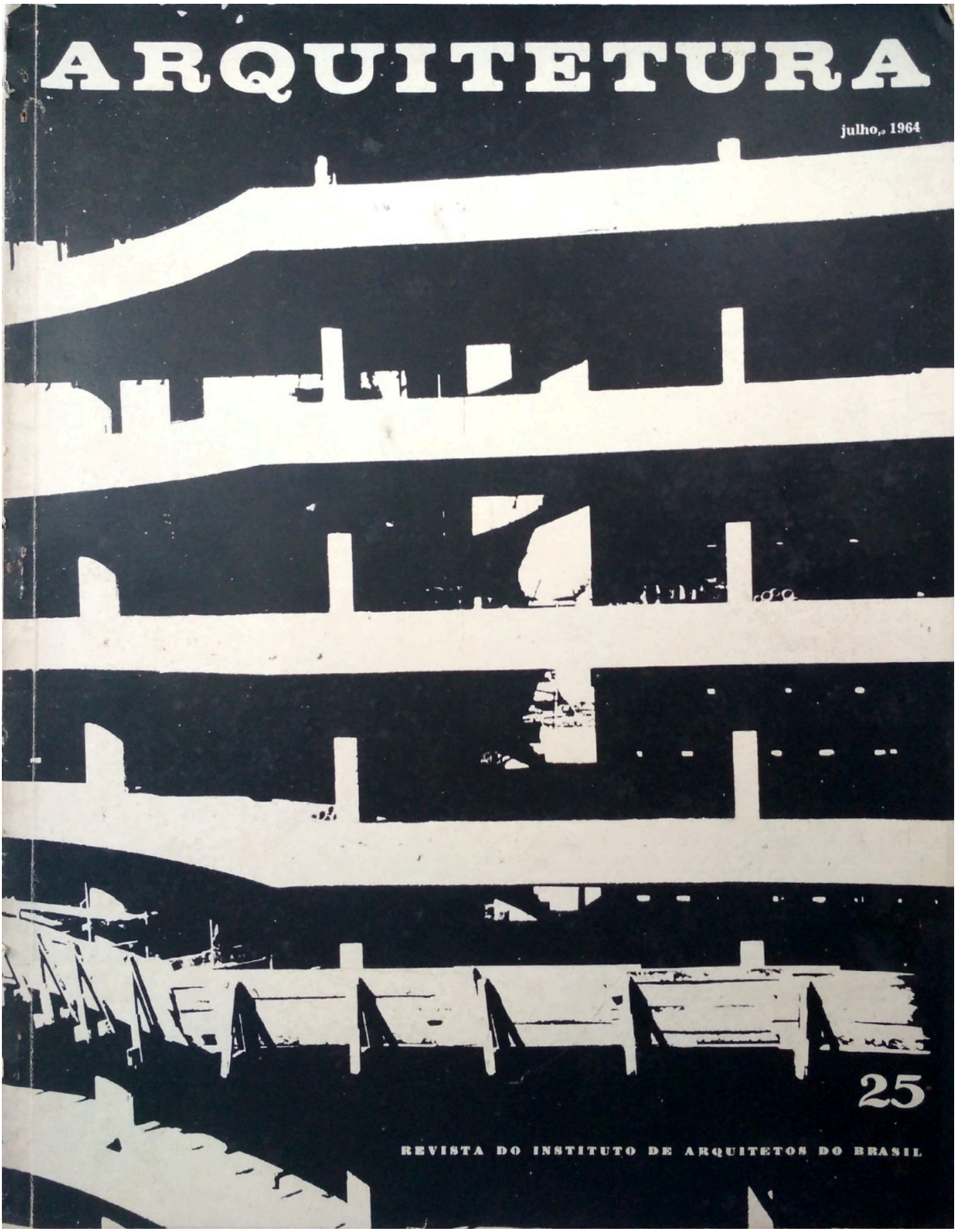
ARQUITETURA

julho,. 1964



25

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL



QUEM ESPECIFICA?

O arquiteto não concebe coisas irreais. A sua concepção é material desde o primeiro traço. O traço, a linha são notações que correspondem a determinados materiais. É o arquiteto pois quem decide qual o material a ser empregado. Há diversos tipos de materiais e nem todos são conhecidos pelos arquitetos Será que êles conhecem o seu material? A melhor maneira que o senhor tem para tornar o seu material conhecido pelos arquitetos é apresentá-lo através das páginas de **ARQUITETURA**. A revista que todo arquiteto brasileiro lê e coleciona.

o assunto é INCÊNDIO...

Se o seu negócio é segurança ou prevenção contra incêndios, sua emprêsa não poderá deixar de estar presente no próximo número de ARQUITETURA.

Porque, em agôsto, o nosso assunto será INCÊNDIO — cêrca de 15 artigos e reportagens, preparados pelos mais renomados especialistas, abordando tôdas as modernas técnicas e problemas ligadas à segurança e proteção contra incêndios.

Essa edição, que representa uma iniciativa inédita no Brasil, será por certo uma fonte permanente de consulta para arquitetos, construtores e industriais sôbre os problemas de incêndio — e a indicação categorizada dos materiais e técnicas a utilizar para resolvê-los.

Até o momento já temos 4.000 exemplares reservados, além de nossa distribuição normal de 10.000 exemplares destinados a todos os arquitetos e construtores do país. E a maioria dos grandes fabricantes de materiais de prevenção e segurança contra incêndios já reservou espaço para suas publicidades. Sem dúvida um dêsses fabricantes será o seu concorrente.

Um anúncio nessa edição especial representa um lembrete permanente para a utilização do seu material junto A QUEM pode utilizá-lo (arquitetos e construtores) e NO MOMENTO EXATO em que êle pode ser utilizado.

Se o seu assunto é incêndio, ARQUITETURA será, em agôsto, sua melhor oportunidade para promoção... e vendas.

60 ANOS DE ATUALIDADE

1901 1961

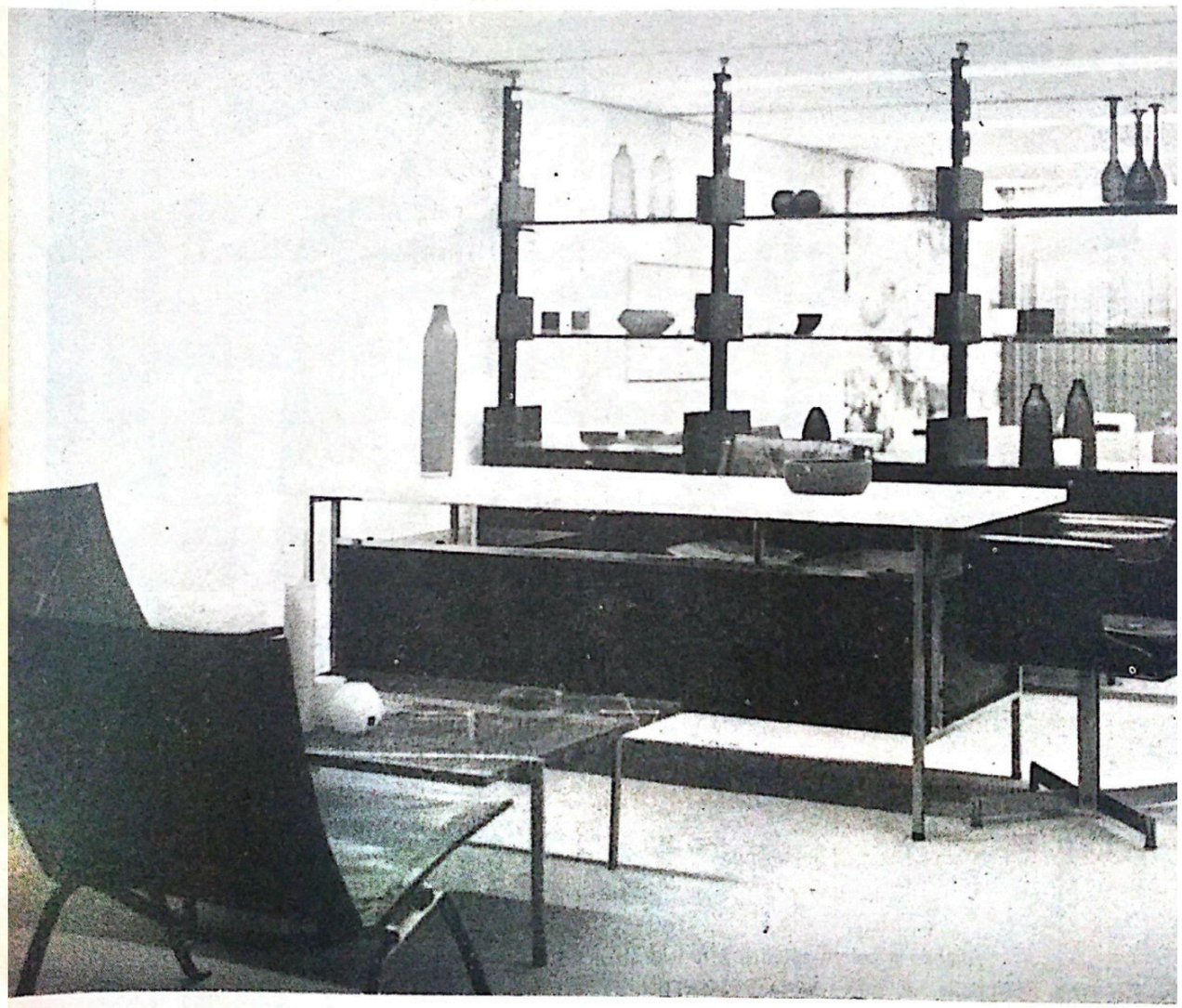
CIA. FIAT LUX, DE FÓSFOROS DE SEGURANÇA

ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para o guanabara de
ambiente indústria e comércio de móveis S. A.

uma linha completa de móveis para escritório e residência, desenhados por arquitetos de renome internacional, satisfazendo as exigências e necessidades contemporâneas de funcionalidade e beleza.

consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb

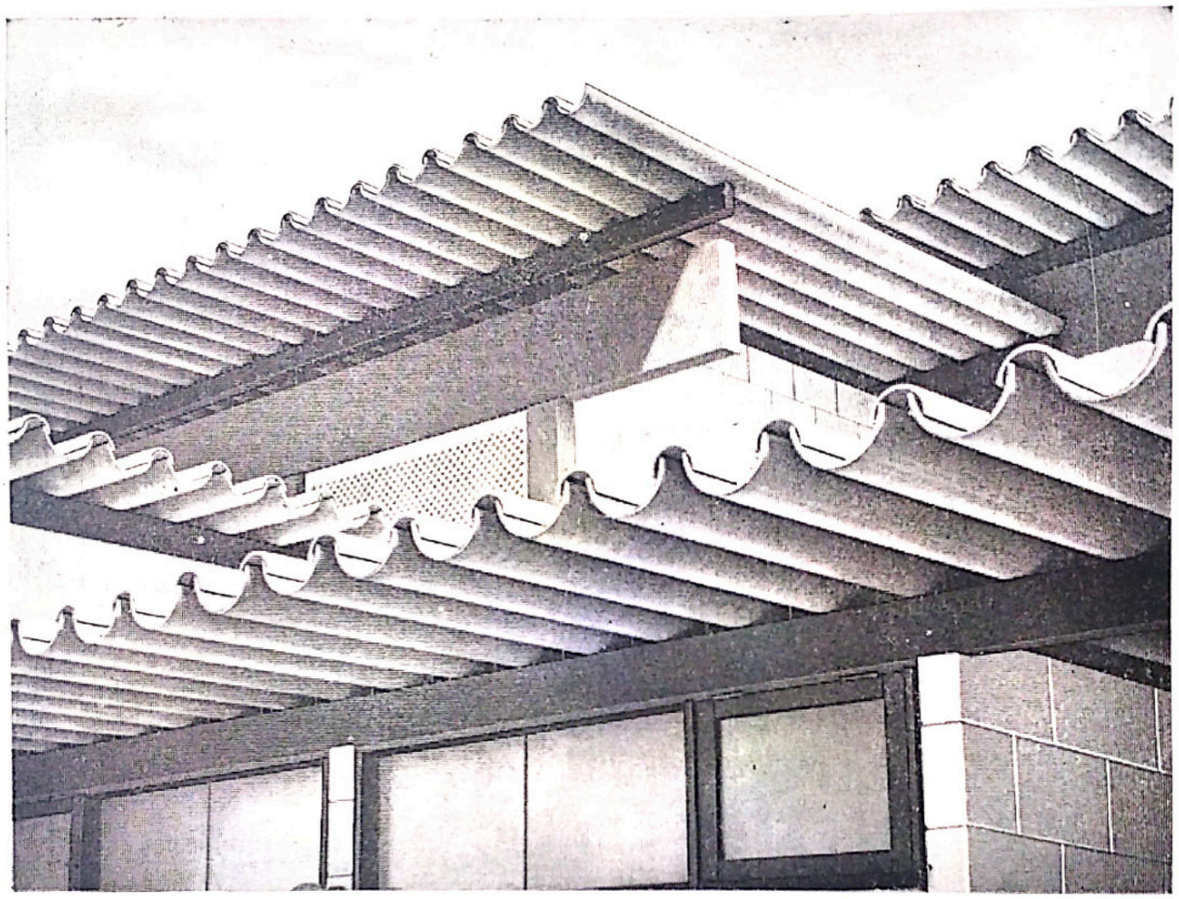


ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para o guanabara de
ambiente indústria e comércio de móveis S. A.

uma linha completa de móveis para escritório e residência, desenhados por arquitetos de renome internacional, satisfazendo as exigências e necessidades contemporâneas de funcionalidade e beleza.

consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb



cobertura horizontal?

meios-tubos

Eternit

Aliando a beleza estética à funcionalidade, os meios-tubos ETERNIT proporcionam coberturas horizontais impermeáveis e de duração ilimitada. Suas dimensões, além de aumentarem o rendimento da montagem, permitem beirais de grandes balanços. Com a junção de duas ou mais peças, pode-se cobrir grandes áreas sem calhas intermediárias. Os meios-tubos de cimento-amianto ETERNIT constituem a solução adequada para coberturas horizontais.

Consulte os Serviços Técnicos Eternit.

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S.A.
eternit é cimento amianto há mais de 60 anos

Há muitos modos
de se reconhecer
a qualidade de um
móvel de escritório:
o material,
a simplicidade
das formas,
a função,
o acabamento,
os detalhes de
montagem etc.
O modo mais seguro,
porém, é procurar
esta marca:



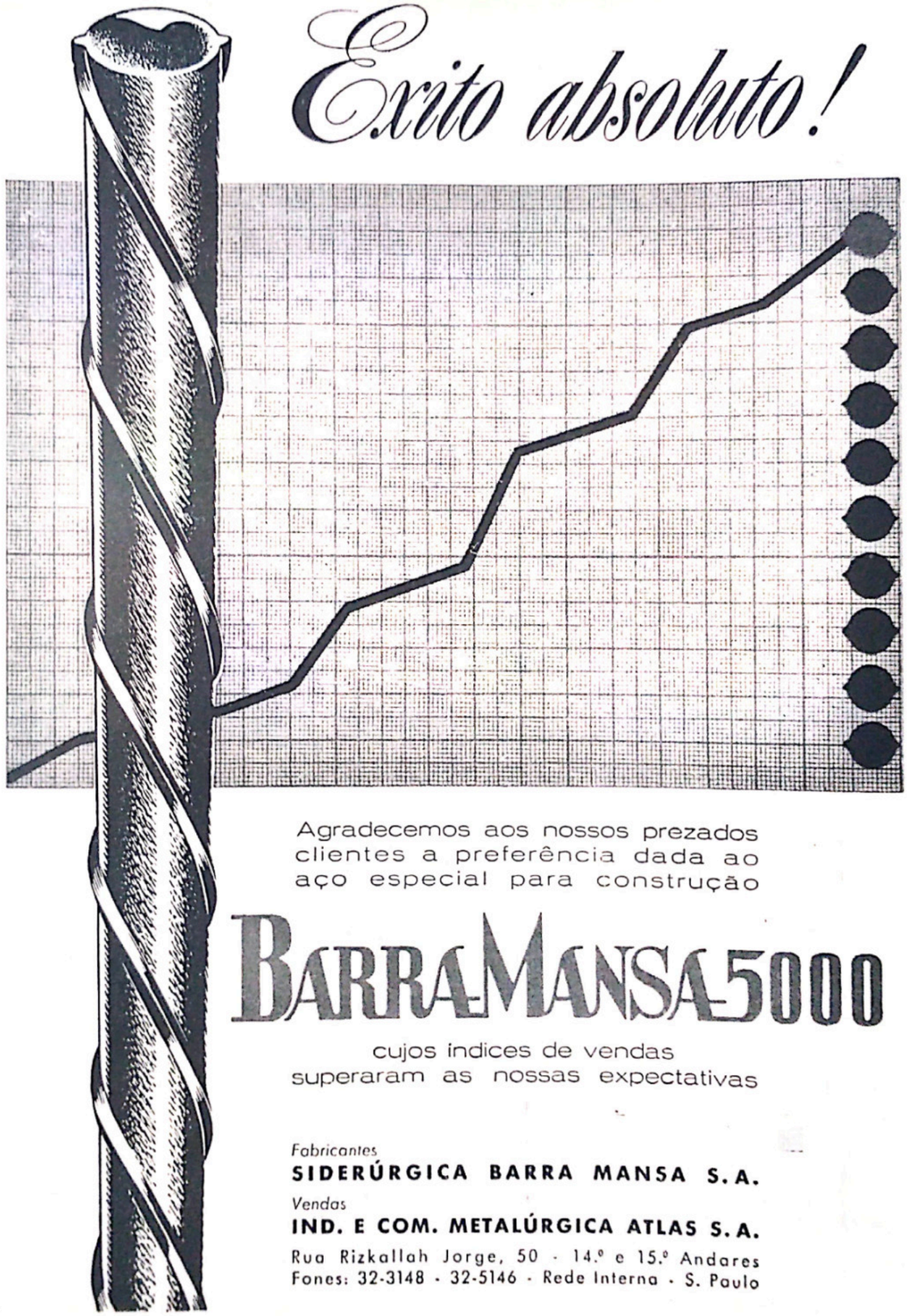
É a marca que
distingue os móveis
Holzäpfel de classe
internacional
produzidos pela

brafor

S. PAULO: PRAÇA ROOSEVELT, 159 -
TELEFONE: 34-6665 e 35-4454

R. DE JANEIRO: RUA MÉXICO, 21 A
TELEFONE: 22-0180 e 32-7178

- MARCA HOLZÄPFEL CRIADA PELO "INDUSTRIAL DESIGNER" GERSTNER (SUÍÇA)
- MARCA BRAFOR CONCEBIDA PELO ARQUITETO ALUÍSIO MAGALHÃES



Êxito absoluto!

Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA MANSA 5000

cujos índices de vendas superaram as nossas expectativas

Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.
Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.
Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo

PINTAR É UM DESCANSO!
...COM OS PRODUTOS
TINTAS E VERNIZES PARA TODOS OS FINS

MSA
SÍMBOLO DE QUALIDADE

O elevado poder de cobertura, a grande secatividade e durabilidade e o excepcional índice de rendimento dos produtos MSA - os mais econômicos em sua categoria - tornam facílima a sua aplicação, oferecendo sempre resultados compensadores!



FLATEX - Tinta de emulsão, fôsca, lavável, excelente para paredes de interiores.

CANÁRIO - Tinta a óleo, brilhante, de primeira qualidade, para madeira. Lindas côres.

CAIÇARA - Tinta fôsca, alquídica acetinada, para interiores (paredes, portas, esquadrias, etc.

SUPER FLATEX - Tinta plástica, fôsca acetinada, à base de P.V.A., para interiores.

NIULAC - À base de nitrocelulose é a tinta ideal para autos e outras superfícies metálicas.

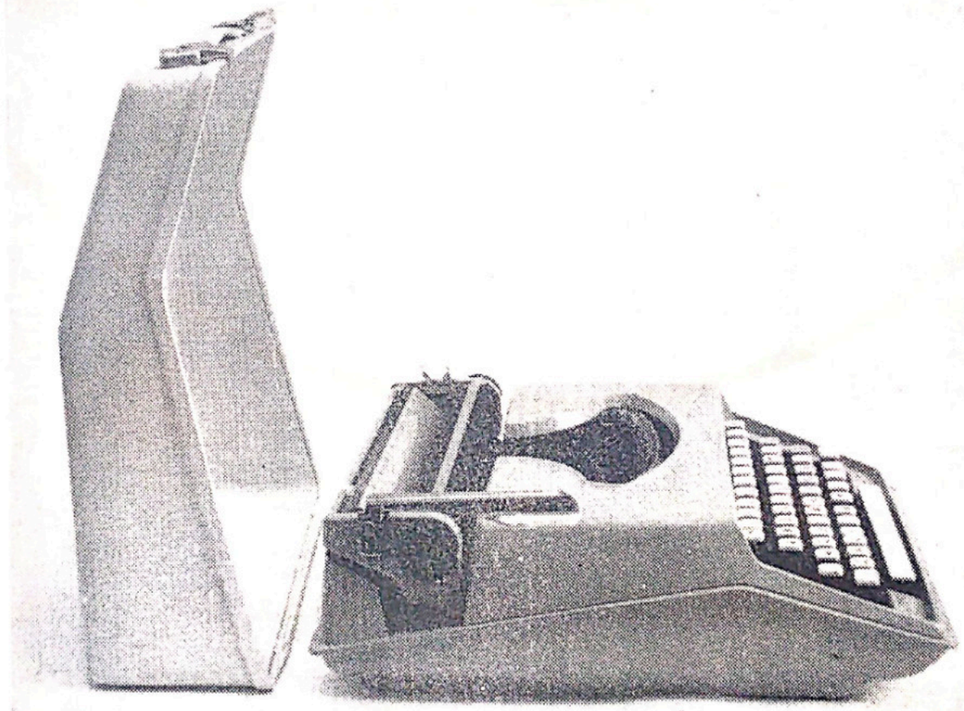
SINTEX - Esmalte sintético - rápido - para interiores e exteriores Excelente secatividade.

SINT-O-LIN - Esmalte sintético, alquídico-fenólico, para uso geral. Côres modernissimas.

MEB-O-LINE - Tinta à base de óleo, brilhante, econômica e de boa durabilidade.

RIO - S. PAULO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR
BELÉM - NITERÓI - PELOTAS - FORTALEZA - MARÍLIA - VITÓRIA

Mesbla



A Holiday é leve, resistente, bonita e completamente nova.

Examine-a. Que tal?



Excelente! A Holiday é a primeira máquina de escrever com estôjo de Cycolac* - matéria prima ultra-resistente, aprovada nos mais rigorosos testes. De linhas modernas e apresentada em harmoniosa combinação de côres, a Holiday torna a escrita um prazer constante, pois suas teclas possuem resistência cientificamente equilibrada - capaz de aguentar até mesmo a curiosidade das crianças. Para seu próprio uso, ou para presentear a quem você quer bem, experimente esta moderna conquista da técnica - a Holiday portátil - garantida pela

Remington Rand

Filial do Rio de Janeiro: Rua da Quitanda, 46
Filiais nas principais cidades do país

* marca registrada

WILLYS

WILLYS

– SÍMBOLO DE QUALIDADE LEVANDO PROGRESSO A TODOS OS CANTOS DO BRASIL!

A Willys Overland do Brasil, pioneira na fabricação de automóveis no País, possui hoje a mais completa linha de veículos para passeio e utilitários — 99,8 % nacionalizados. Para a perfeita manutenção dêsses veículos, cujo número aumenta constantemente, a Willys



mantém extensa rêde de Revendedores e Oficinas Autorizadas em todo o Brasil. Você os encontra mesmo nos mais remotos rincões do País, com pessoal treinado na própria fábrica, aptos a manter, com peças genuínas e serviço especializado, a alta qualidade dos Veículos Willys.

WILLYS OVERLAND DO BRASIL S.A.
FABRICANTE DE VEÍCULOS DE ALTA QUALIDADE

WILLYS



ARQUITETURA

N.º 25 — Julho - 1951

Órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil — Revista mensal do IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — Publicação da Editôra Artenova Ltda. - Trav. 11 de Agôsto, 6/201.

Conselho de Redação: Mauricio Roberto, presidente; Affonso Reidy, Edgar Graeff, Ernâni Vasconcellos, Henrique e. Mindlin, Icaro de Castro Mello, Marcelo Roberto, Marcos Konder Netto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Ferreira Santos e Sylvio de Vasconcellos.

Conselho de Direção: Odylo Costa, filho; Alfredo L. Britto — IAB; Mauricio Nogueira Batista — IAB.

Conselho de Representantes: Alberto Xavier — IAB-RGS; Jorge Wilhelm — IAB-SP; Vital Maria Pessoa de Mello — IAB-PE; Afonso Baqueiros Rios — IAB-BA; Carlos Eugenio Hime — IAB-DF; Almir Fernandes — IAB-PR; Elio Vianna — IAB-ES.

Editor:
Alvaro Pacheco.

Redação: redator-chefe — Mauricio Nogueira Batista — IAB; secretário — Alfredo L. Brito — IAB.

Colaboradores: Claudius Ceccon — IAB; Ferreira Gular, Carlos Diegues, Jota, Cleber Ribeiro Fernandes, Jose Guilherme Merquior, Nelson Lins de Barros, Luis Miranda Corrêa, Arq. Alberto Vieira de Azevedo e Leandro Tocantins.

Editora Artenova Ltda. — Diretores: Alvaro Pacheco, Odylo Costa, Filho e Cicero Sandroni — Trav. 11 de Agosto, 6, grupo 201.

Redação: IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — tel.º 22 1703, — Rio.

Administração, Publicidade e Assinaturas: Trav. 11 de Agôsto, 6 — grupo 201 — tel: 31-2641; Rio - GB.

Representante em S. Paulo: REPRENAES — Rua 7 de Abril, 261 — 5.º andar — tel.: 32-3512.

Esta publicação é distribuida gratuitamente a todos os arquitetos do Brasil, instituições de ensino superior, associações de classe e entidades culturais nacionais e estrangeiras, professôres de arquitetura e engenharia de todo o País, centros acadêmicos, repartições publicas federais, estaduais e municipais ligadas à arquitetura, à engenharia e à construçao em geral, governos estaduais, tôdas as firmas construtoras do Rio e S. Paulo, e de outros estados, firmas de decoraçao, galerias de arte, escritórios tecnicos.

Venda avulsa em livrarias e bancas especializadas; preço do exemplar: Cr$ 350,00; exterior US $1; assinaturas: 1 ano — Cr$ 3.400,00; exterior: US $10, tiragem: 10.000 exemplares.

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Composição e Impressão: EDIGRAF — Editora e Gráfica Ltda. — Pç. Cruz Vermelha, 3-A — Rio.

Capa: Edifício em construção. — Foto: Alfredo Britto

SUMÁRIO

2 Editorial

O futuro da cidade e a Arquitetura

3 Artigo

Arquitetura Egípcia: de religiosa a funcional

Arq. Samir Youssef

9 Urbanismo

A cidade e a saúde mental

Arq. Mauricio Nogueira Batista

13 Painel

Projetos de Wit-O af Frochnick, [illegible] Fernando Abreu e Stephenson & [illegible]

18 Charge

Claudius

19 Reportagem

O tráfego e a cidade: estacionamento e circulaçao

24 Galeria

Literatura

M. Cavalcanti Proença

Artes Visuais

Ferreira Gullar

Cinema

Carlos Diegues

Teatro

Cleber Ribeiro Fernandes

27 Destaque

29 Estante

31 Noticias

O futuro da Cidade e a Arquitetura

A arquitetura está indissolùvelmente ligada à cidade. Ela é a matéria de que as cidades são feitas. Se as cidades do mundo se revelam caóticas, confusas e supervoadas, a arquitetura não pode apresentar outra face. Dir-se-a que as cidades não podem ser inteiramente constituidas de obras primas arquitetônicas. Ninguem, em sã consciência, por certo, assim as pensaria. O que se deseja e quer é que elas tenham uma ambiência agradavel e favoravel ao homem. Uma ambiencia dessa natureza não poderá jamais excluir os aspectos esteticos, sociais e humanos.

ARQUITETURA desde seus primeiros números tem demonstrado constante preocupação pelo destino da cidade brasileira e de sua arquitetura. Ela vem lutando para que uma maior consciencia dos problemas urbanos se transforme em elemento valioso na tentativa de salvar nossas cidades em crescimento da perspectiva que se antegura fatal. A posição de ARQUITETURA não é singular. Revistas especializadas do mundo inteiro abrem suas páginas e dão extraordinaria ênfase aos aspectos de crescimento, renovação, desenvolvimento e criação das cidades.

Esta atitude de ARQUITETURA revela a maturidade do arquiteto brasileiro, ante o desenvolvimento urbano do país. Os arquitetos estão certos de que, sem tratar a cidade, sua arquitetura deixara de ter o profundo sentido que sempre a marcou em outras epocas. Ela terá, quando muito, a significação de um quadro de cavalete ou de um pequeno objeto de adorno. Ao fazermos esta afirmação, não nos move nenhum sentimento de menosprezo à pintura. Dela nos valemos para acentuar o carater da arquitetura isolada, desligada do quadro urbano, aposta ao fundo informe de uma cidade edificada sem alma.

Os arquitetos sabem que só terão oportunidade de cumprir plenamente sua real vocação quando a cidade começar a ser tratada como um todo. A obra maior da criação humana, a verdadeira síntese das artes.

Há dois anos atrás, o Museu de Arte Moderna e a Liga de Arquitetura da cidade de Nova Iorque promoveram uma serie de reuniões sobre a corrida imobiliaria. A pergunta fundamental, colocada ante os participantes, foi a de saber se seria possivel construir uma cidade civilizada numa **free-for-all society. Podem existir cidades civilizadas enquanto a area urbana e objeto de uma irrestrita especulação ?**

Peter Blake, moderador dos debates e um dos editores da ARCHITECTURAL FORUM, por incumbência dos promotores relatou os resultados. **A pergunta nunca chegou a ser respondida durante as 5 reuniões. A sua resposta foi sempre recusada, mal interpretada ou, outras vêzes, deliberadamente respondida de modo obscuro. Entretanto, se quisermos encarar o problema basta-nos olhar em tôrno.**

Do que se debateu durante as reuniões, Peter Blake tirou e publicou no número de junho de 1962 da FORUM, o que considera um lição e a resumiu em três itens:

Primeiro — **não haverá uma grande arquitetura urbana na América até que se dê um basta à irrestrita especulação no preço dos terrenos. A verdade é que não há outra saída. Um famoso republicano, Abraham Lincoln, disse há cem anos atrás: "A terra... nunca deveria ser pessuida por um só homem, corporação ou sociedade... assim como o ar e água". Outro famoso conservador, há 40 anos: "Lucros indevidos com a terra... são derivados de processos que não são absolutamente benéficos mas sim prejudiciais ao povo em geral". Esse famoso conservador era Wiston Churchill. Enquanto não houver uma radical mudança no contrôle da terra, não haverá nenhuma possibilidade de arquitetura urbana na America.**

Segundo — **várias leis, tais como a lei de impostos, encorajam os construtores a trabalhar como se estivessem produzindo botoes. Rapido, barato, e para venda imediata de acordo com a oferta mais alta. Quem constroi devagar, com cuidado e bem, tera de sofrer a pena dos impostos. — Até decidirmos que construir é diferente de fabricar botões, não teremos cidades decentes. Vincent Scully costuma dizer que os edificios de uma rua pertencem a todos os que a usam. Concordo. Edificios mudam radicalmente a face da terra; não são somente uma parte da civilização — eles mesmos são a civilização. Não podemos continuar a tratá-los como se fossem construidos para serem usados durante um certo tempo e depois jogados no lixo.**

Terceiro — **não haverá arquitetura urbana na América até que o govêrno tome a liderança no sentido de contratar boa arquitetura. O que tem sido feito até hoje é aterrador. — A cidade de Nova Iorque não tem um edificio a ser mencionado desde que o New York City Hall foi construido em 1812. Nos últimos meses temos noticias de alguns timidos esforços.**

Este é, segundo o que Peter Blake concluiu da reunião, o quadro de Nova Iorque e dos Estados Unidos. Todos nos conhecemos o vigor da nova arquitetura americana e o valor dos seus arquitetos. Suas revistas, além de demonstrurem essa pujança, mostram uma real e proficua preocupação pelos problemas de planejamento territorial e urbano, que, no fundo é o resultado do trabalho e da ação dos arquitetos e planejadores americanos.

Que dizer de nós? A revista ACRÓPOLE publicou, há pouco, um guia arquitetônico da cidade de São Paulo. Nêle são destacados apenas 50 edificios. Seus autores, os arquitetos Eduardo Corona e Carlos Lemos, devem ter suado para conseguir atingir êsse numero. Cinqüenta edificios de arquitetura considerada boa, numa cidade de mais de quatro milhões de habitantes! A percentagem é infima e por si só bastaria para tirar o sono dos que respondem pela cultura brasileira, se houvesse sensibilidade. O Rio, Pôrto Alegre, Belo Horizonte, quantos contarão ?

Os arquitetos não podem ser responsabilizados por êste panorama. Pelo contrário, ainda são êles os que conseguem fugir de vez em quando à mediocridade, à feiúra, à falta de imaginação, criando algo que permanece como um quadro ou uma escultura de valor, em meio a um confuso e cômodo abarrotado de objetos díspares, inadequados e inqualificáveis. ■

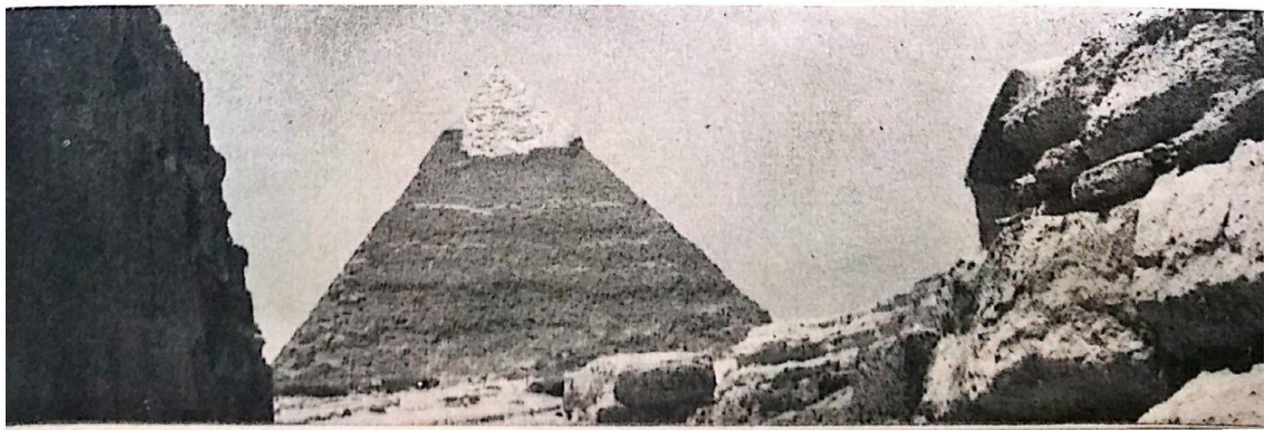


O Museu Copta, no Cairo, é um exemplo da arquitetura tradicional egipcia. Apresenta belos exemplos de Muxarabiês. — Foto: C. Zachary

Arquitetura Egípcia: De Religiosa a Funcional

*Arq. Samir Youssef **

A pirâmide de Queops em Gizé. — Foto: C. Zachary



O Egito, terra dos faraós, antigamente chamada Kemi, ou terra preta, é uma estreita faixa de solo aluvial fértil, situada ao longo das margens do rio Nilo, e limitada pelas areias do deserto.

Dos países do mundo antigo foi o único que, controlando o mar Vermelho, dominou os caminhos da navegação do comércio estrangeiro que se fazia através do Mediterrâneo e dos mares árabes.

O rio Nilo, em si mesmo, foi de um valor incomensurável, não só como via de comunicação, como pelas inundações periódicas de suas águas fertilizantes que transformavam o deserto em campos fecundos. Dêle pode-se dizer que era o rico sangue que corria nas veias do Egito. Por esta razão, às suas margens os egípcios construíram, desde os tempos imemoriais, suas cidades — tanto para vida, como para morte —, as pirâmides e os templos.

Neste país, floresceu uma civilização que desafia os séculos na imortalidade de seus pétreos monumentos, que refletem o ditado criado pelo seu povo: **"todos temem o tempo, mas o tempo teme as pirâmides"**.

A íntima conexão entre a religião e a arquitetura é evidente em tôda a parte. O sacerdócio era investido de ilimitada autoridade e possuidor de tôda a sabedoria da época. Os ritos religiosos egípcios eram tradicionais, imutáveis, misteriosos e marcaram fortemente a arquitetura dos túmulos e templos. A religião, monoteísta em teoria, na prática era politeísta. Muitos deuses foram cultuados. Os fenômenos naturais e os corpos celestes — o sol, a lua, as estrêlas — assim como os animais, eram deificados. A mitologia egípcia se tornou complexa pela multiplicação dos deuses locais em diferentes centros. A nota chave da religião foi a do temor e da submissão ao grande poder representado pelo sol. A maior adoração, entretanto, era devotada a Osiris, o homem-deus que, morrendo e ressuscitando, através da morte e da ressurreição alcançou a vida eterna.

Nesses dias da alvorada da história do mundo, não havia uma linha divisória precisa entre deuses e reis. A doutrina dos direitos divinos dos reis não se fazia necessária, pois êles próprios eram, muitas vêzes, por si mesmos ou pelo povo deificados.

Os deuses, frequentemente foram associados em trindades. Assim, Amon, deus do sol, Mut, sua mulher e mãe de tôdas as coisas, e o seu filho Horus, deus da lua, constituíram a grande trindade tebana, enquanto Ptah, o criador, Sekhet, o deus do fogo e Imhetep, deus da medicina, formaram a trindade de Menfis.

O poderoso Osiris, deus da morte, Isis, sua mulher; Horus, deus do sol nascente; Hator, deusa do amor; Set, temível deus do mal; e Serapis um deus de cabeça de touro que representava o estranho culto dos touros sagrados — foram outros dos muitos deuses egípcios. Todos êstes e muitos outros, cêrca de 2.000, aparecem, sós ou em combinação, na imutável e tradicional arquitetura do antigo Egito. Aparecem e reaparecem em todos os templos, zelosamente fechados, erigidos para o uso dos reis e dos sacerdotes a serviço dos deuses.

A estátua da Esfinge, em Gizé. — Foto: C. Zachary



4

A imensa crença na vida futura era o fato mais importante da religião egípcia. A casa de moradia era um abrigo temporário, o túmulo a residência permanente — assim nos relata Heródoto. Por esta razão, tudo que contruíam para a vida presente era feito com material de pouca resistência, reservando-se a dureza do pórfiro a do basalto para as contruções funerárias e templárias.

As casas dos primitivos habitantes do Delta eram implantadas em meio às terras cultivadas, ou às margens dos canais e lagos, acima do nível das enchentes do Nilo. O material argiloso de que eram construídas não permitia outra localização, mais vulnerável ao embate das águas. A estrutura dessas habitações era de junco de papiros amarrados em feixes. A vivenda dos habitantes do Delta era sumária e sem complicações, êle só a utilizava para dormir e gostava de viver ao ar livre. Esse povo, que amava o ar livre e a luz do sol — a ponto de deificá-la — recatou o interior de suas habitações. Dotou o interior de sua casa de uma semi-penumbra, conseguida pela luz filtrada através de um gradeado de junco, de fina trama, que guarnecia as pequenas janelas. Esta brusca transição do exterior radiante para a quase total ausência de luz interior se estendeu aos templos, prestando acentuada sugestão de mistério aos ritos da liturgia.

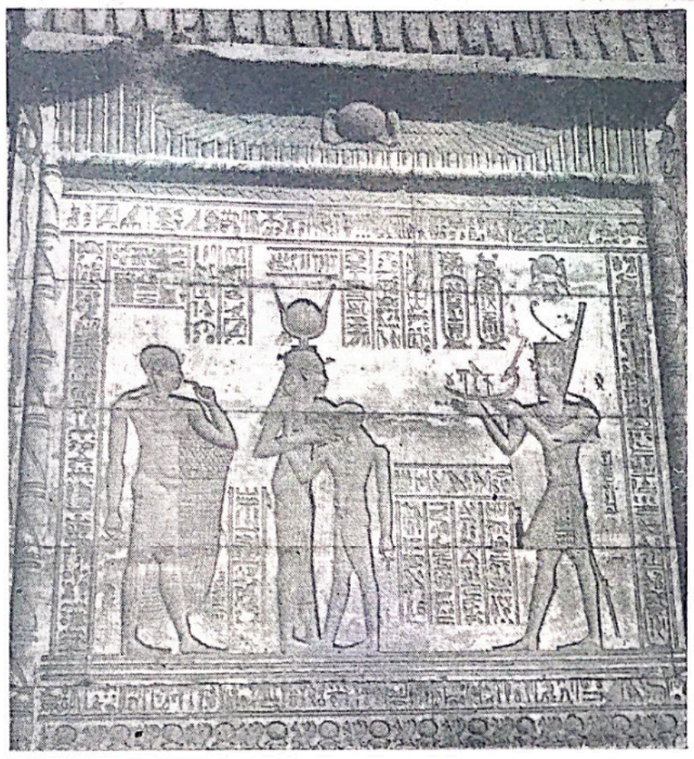
Os mortos eram colocados sob túmulos, aos quais os primitivos habitantes davam o nome de Pirama, que significa altura, ou Piremi, que quer dizer luz do sol. Êstes túmulos foram construídos em granito e revestidos com uma camada de pedra calcárea, que lhes deram a tão almejada permanência. Os faraós construíram para seus corpos mumificados as fortalezas reais, aquêles estupendos montes de alvenaria, que mesmo hoje, em nossos tempos, continuam sendo uma surprêsa para o mundo.

Das 80 pirâmides ainda existentes no Egito, Sacara (2.770 A.C.) e Gize (2.670 A.C.) estão entre os monumen-

Novas formas da moderna arquitetura no Egito (Cairo). Ed. de apartamentos. Projeto arq. Naoum Chabib. — Foto: Sobhi Afifi.

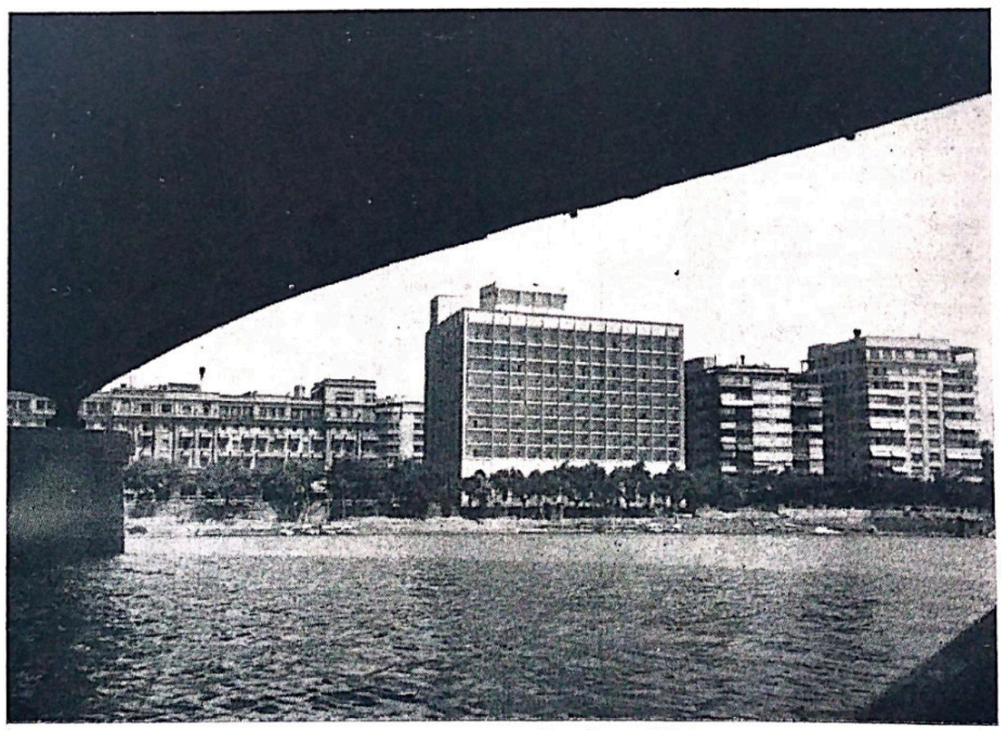


5



O templo de Kena Upper, no Egito — Foto: C Zachary

Exemplos da nova arquitetura egípcia, no Cairo. Hotel Shepherds. Projeto arq. Antoine Nahas. — Foto: C. Zachary



tos de origem religiosa mais antigos. Estas pirâmides revelam a fôrça das crenças, enquanto os templos, com seus pátios resguardados por muros circundantes, são a expressão externa e material do poderio do clero.

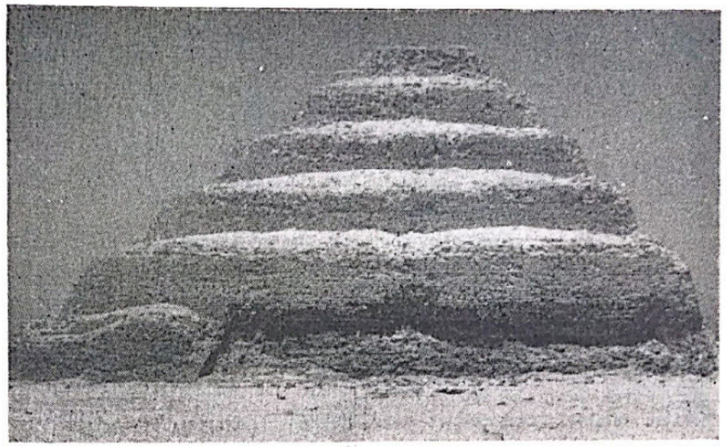
Os templos, semelhantes em seus planos misteriosos, em seus aspectos proibitivo e em seus hieroglifos místicos, falam exclusivamente da religião egípcia, não eram sítios de adoração para o povo, mas santuários para reis e sacerdotes. A êles, às vêzes se chegava por uma longa e imponente avenida guarnecida de esfinges (Luxor, 1.450 A.C. e Carnac 2.466 A.C.). Outros eram escavados na rocha (Abu-Simbel, 1.330 A.C.) ou semi-escavados e parcialmente construídos, como os de Deir-El-Bahari, 1.500 A C.

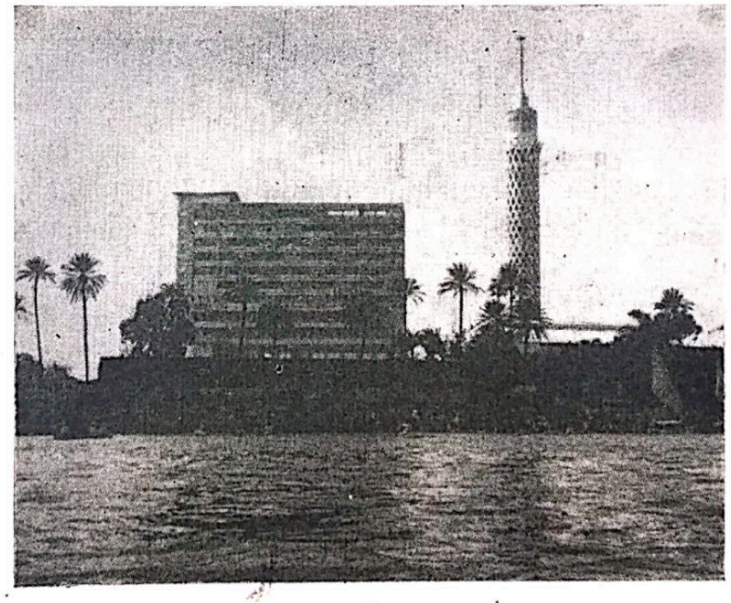
A arquitetura antiga do Egito caracterizava-se pelo emprêgo de paredes maciças e colunas compactas, pouco distanciadas entre si, sustentando vigas de pedra que, por sua vez, apoiavam telhado reto. Suas paredes ligeiramente inclinadas visavam a estabilidade e a permanência. A fim de preservar o ambiente do rigor solar e da luz vivíssima, as aberturas nas fachadas eram evitadas. Tôda a decoração exterior reduzia-se à majestade dos pilões e à linha graciosamente curva da cornija egípcia. Ao contrário da grega, a arquitetura egípcia era pràticamente introvertida.

A influência da antiga arquitetura egípcia em nossos dias é quase nula, sendo notada sòmente em certas construções néo-clássicas, inteiramente desajustadas no ambiente moderno. As réplicas das antiguidades egípcias de murais e esculturas são usadas extensivamente na decoração. Cópias do mobiliário antigo, com suas linhas retas e detalhes simplificados, são vistas, com grande sucesso, em interiores modernos.

Tendo sofrido muitas influências através dos séculos, a arquitetura do Egito de hoje evoluiu de uma certa confusão para um estilo puro e funcional, apropriado às condições climáticas e sociais do país.

O Egito está situado numa zona quente e sêca e dotada de um clima







A Avenida das Esfinges, em Carnac — Foto: C. Zachary

desértico. O calor do dia, em certas regiões, atinge 54 graus centígrados à sombra. A noite, entretanto, a temperatura pode descer até zero grau. A ausência de chuvas dispensa as calhas. A neve e o gêlo são desconhecidos. Êstes fatos simplificam os detalhes arquitetônicos. Os recursos naturais como madeira, pedra e barro, do qual se faz o tijolo, determinam o caráter da arquitetura da região. Com o grande desenvolvimento da indústria e do uso dos materiais modernos, a arquitetura evoluiu notàvelmente. A manufatura do ferro e do aço no país encorajou de forma acentuada o uso de modernas estruturas e tornou possível a realização de grandes projetos.

O problema maior do arquiteto egípcio — e que o vem desafiando através dos séculos — é o de como evitar o calor e a intensa luz solar. Neste campo, ainda hoje são usadas, com bons resultados, as sábias soluções dos antigos construtores.

O uso de paredes grossas, maciças ou ôcas ajuda a manter os interiores frescos durante o dia e mornos à noite. O material usado e a espessura das paredes influenciam o "time-lag" e para um perfeito resultado a temperatura registrada no interior deve ser constante durante as vinte e quatro horas do dia.

Pequenas aberturas externas, constituídas por portas e janelas bem protegidas contra o sol, são extremamente úteis, porque através delas dá-se a mudança de temperatura. O uso de grandes panos de vidro nas fachadas e a introdução do ar condicionado não são soluções adequadas. O emprêgo de materiais capazes de refletirem os raios solares e o acabamento branco das superfícies exteriores ajudam a diminuir a penetração do calor. A introdução do quebra-sol em suas múltiplas variedades — fixos ou móveis verticais ou horizontais, foi muito valiosa pois êste elemento deixa passar a luz, quebrando sua intensidade.



O Jardim Andaluz, no Cairo. Ao fundo o Hotel Nilo Hilton, projeto do arq. Welton Becket e equipe de arquitetos egípcios. — Foto: Sobhi Afifi.

Fator importante é o aproveitamento da ventilação natural, cruzando-a no ambiente do chão para o teto pelo uso de grandes muxarabiês que, entretanto, devem ser manejados com grande cuidado. A utilização de pilotis no térreo, assim como de pátios, jardins e espelhos d'água, aumentam o efeito decorativo e proporcionam as áreas de sombra e ventilação tão necessárias.

Estando o Egito situado ao norte do hemisfério a orientação sul deve ser evitada. As orientações para leste e oeste permitem fachadas parcialmente abertas. A mais favorável, porém, é a norte, que permite a entrada de uma brisa benvinda.

Sendo a arquitetura o resultado de tão variadas condições, não poderíamos nós, arquitetos egípcios, abordá-la — como organismo vivo que é — senão dentro do seu próprio ambiente.

A moderna arquitetura do Egito reflete o progresso de nossa época em direção a uma maior consciência de sua personalidade, de suas limitações e possibilidades, quanto às suas obras e seus fins. Talvez, ela deva sua existência a muitas razões a ela anteriores, mas no momento surge como um organismo autônomo, com características próprias e definidas. ■

*** O arquiteto Samir Youssef pertence à nova geração de arquitetos egípcios, e é autor do projeto da Embaixada da República Arabe Unida, em Brasília. SY está no Brasil, no momento, e irá acompanhar a construção do seu projeto na nova capital brasileira.**

A Cidade e a Doença Mental

Arq. Mauricio Nogueira Batista



Foto: M.N.B.

A urbanização constitui uma ameaça à saúde mental? A Civilização moderna à responsável pelo proclamado aumento das doenças mentais do mundo atual?

Estas perguntas abrem um trabalho publicado no n.º de janeiro da revista "A Saúde do Mundo", da Organização Mundial de Saúde. O Brasil apresenta um alto índice de população urbana. Suas cidades estão crescendo dia a dia e êste fato é encarado pela maioria das pessoas como um evidente sinal de progresso. Sob certos aspectos, não resta dúvida, as pessoas que assim pensam estão certas. Acontece que a maneira de crescer de nossas cidades não é das mais corretas. Elas estão mais "inchando" do que pròpriamente evoluindo num ritmo saudável de desenvolvimento harmônico e planejado.

Êste fato tem merecido de ARQUITETURA constante e persistente atenção, ao ponto dela ser acusada de desviar-se do tema que deveria ser sua preocupação dominante: a arquitetura. Mas, pergunto, qual será hoje o entendimento da arquitetura? — O da casa isolada? — O do edifício que se faz encurralado por outros tantos e do qual só se tem visão de uma das faces, a fachada — único elemento que resta ao arquiteto, para compor? — Não. Não é mais possível certamente, continuar divulgando e prestigiando êste conceito da arquitetura.

É impossível pensar em arquitetura sem o espaço no qual ela está contida.

É quê espaço é êsse? — **Primeiro, é** espaço atual, a terra, as árvores, os cursos d'água, e os acidentes geográficos. O arquiteto teria grande parte de sua tarefa facilitada se vivesse em Pala, a ilha de Huxley. Lá, as crianças aprendem, ao mesmo tempo que a multiplicação e a divisão, as primeiras lições de ecologia. **"Nunca se deve dar à criança a possibilidade de imaginar que as coisas possam existir isoladamente. Devemos mostrar-lhes de início as relações que existem entre as matas e os descampados, entre poços e os cursos d'água e entre as vilas e os campos que as rodeiam (...) ensinamos sempre a ciência das relações juntamente com a ética das relações. A lei da natureza consiste num balanço perfeito entre o que se toma e aquilo que se dá. Em outras palavras, no equilíbrio". Segundo,** as outras edificações e demais componentes urbanos — ruas, praças, avenidas ,parques, etc. Tudo isto, sem esquecer que a única finalidade dêsses elementos é o próprio homem.

A urbanização violenta esqueceu o homem. Passou a contar apenas a massa humana. Esta, a nosso ver, a razão das perguntas que abrem êste artigo. Elas estão formuladas no trabalho publicado pela "Saúde do Mundo", que condensa relatório do Dr. Tang-Yi-Lin, professor de psiquiatria da Universidade de Formosa, sôbre os aspectos sanitários da rápida industrialização.

NEUROSE E URBANIZAÇÃO

Os médicos e outros profissionais — entre êstes incluídos os arquitetos — estão alarmados com o conhecimento da extensão do problema das neuroses na sociedade moderna. **"Há indícios seguros de que a incidência das neuroses aumenta em proporção à amplitude e ao ritmo da industrialização e da urbanização. A verdade é que cêrca da metade dos doentes tratados pelos clínicos e a maioria dos estudantes que deixa de concluir os seus estudos é vítima de perturbações neuróticas. Mais ainda, quase a metade do total de tempo perdido na indústria se deve à mesma causa."**

"Elevado nível de esquizofrenia foi verificado nas zonas centrais de Chicago, onde as condições econômicas eram baixas em comparação com as zonas periféricas, que gozam de melhor situação econômica, ao passo que as psicoses maníaco-depressivas não acusavam correlação alguma com a distribuição geográfica."

"Os investigadores demonstraram também que existe significativa correlação entre o tipo de perturbação mental e a classe social. As neuroses se concentram nos níveis mais altos da estratificação de classes e as psicoses, especialmente a esquizofrenia, nos níveis mais baixos".

MUDANÇAS CULTURAIS

O trabalho acentua ainda que apesar das sensíveis melhorias observadas nas condições físicas de saúde na Inglaterra nos últimos 75 anos, os índices de doenças psico-somáticas aumentaram consideràvelmente "... **êste fenômeno pode resultar da transformação cultural que dá acentuada importância à organização, à limpeza e à disciplina, bem como a falta de contatos pessoais livres entre mães e filhos (...) O índice de suicídios é mais elevado nas cidades do que nas zonas rurais e aumenta com a idade. Isso cria grave problema para as sociedades modernas desde que as suas próprias características — urbanização e aumento da população idosa — têm alta correlação, e até provàvelmente relação causal, com o suicídio. O isolamento social, que caracteriza as relações humanas de certa parte da população urbana, pode desempenhar importante papel nessa tendência ao suicídio".**

DISTRAÇÕES E TENTAÇÕES

A condensação do relatório do Dr. Tang, ressalta a inadequação das mentes deficientes às cidades. Vários fatores contribuem para esta inadequação: a forte concorrência e o ritmo acelerado da vida urbana, a falta de cordialidade nas relações familiares, a ausência ou a escassez de espaços destinados à recreação. Por outro lado, sublinha o relatório a quantidade de distrações e tentações indesejáveis **"que podem fàcilmente determinar, nos que têm reduzida aptidão ao julgamento moral, uma vida ligada ao crime".**

Muitos países asiáticos já estão "superurbanizados" e essa tendência está em rápida ascensão. A 'superurbanização" caracteriza o estado em que o crescimento das cidades está em desproporção com o desenvolvimento econômico. Nestas condições, acentua o relatório, **"as cidades não podem exercer suas funções tradicionais de proporcionar condições favoráveis ao progresso econômico permitindo a eficiência da produção".**

O Dr. Tang-Yi, aborda a seguir um aspecto focalizado com muita propriedade e bastante profundidade pelo arquiteto japonês Kunyo Maekawa, em trabalho publicado recentemente por ARQUITETURA, sôbre as influências entre o Oriente e o Ocidente. Trata-se da maneira pela qual estão se desenvolvendo as cidades asiáticas **"A estrutura, a organização, o padrão de vida nas cidades são em grande parte copiados do Ocidente e dessa maneira a discrepância de cultura entre a vida urbana e a rural é realmente enorme. Em muitos casos, chega a tal ponto que as cidades são consideradas regiões estrangeiras dentro do país".**

A CRIANÇA

O relatório dedica à criança uma atenção especial. As crianças sofrem muito mais que os adultos essa sensação angustiante, devido à instabilidade da vida familiar, ao conflito de valores culturais e às relações humanas impessoais das cidades, agravadas pela dureza da competição da luta pela vida.

As conseqüências dêsses fatores atuam fortemente nas crianças. Não conseguindo solução para sua ansiedade são levadas a padrões de comportamento que terão grande significação social, tais como: **"(a) a criança pode achar mais fácil permanecer infantil e assim desenvolver uma personalidade imatura e dependente; (b) a criança pode desenvolver uma tendência a afastar-se da realidade, o que se exprime pela apatia pelo alcoolismo ou pela toxicomania mais tarde; (c) as tensões sem solução podem achar expressão num procedimento neurótico ou em condições psicossomáticas; (d) procedimento agressivo e anti-social graças às tensões acumuladas".**

"É êsse quarto tipo de procedimento que mais especialmente tem merecido a atenção de administradores, juízes, assistentes sociais, professores, etc. Mas é preciso não esquecer que há três ou mais tipos de falta de saúde mental nas crianças que são igualmente graves para o indivíduo e para a sociedade."

TERAPÊUTICA

Quais os remédios? Que pode a psiquiatria social oferecer no sentido da melhoria da saúde mental da futura sociedade? — O relatório do Dr. Tang confessa que não há qualquer prescrição concreta que atenda especificamente às exigências dos planificadores regionais. Neste ponto, a condensação nos deixa um tanto no ar. Ficamos sem saber a quem cabe a culpa da inexistência de prescrições concretas. Aos planificadores regionais? Aos psiquiatras sociais? Ou às condições sob as quais são exercidas as profissões de planejador e de psiquiatra?

A situação, — prossegue a condensação do relatório — **"é, porém, de tal natureza que se deve exercer imediatamente alguma ação positiva para modificar êsse estado de coisas ou, quando nada, para limitar o declínio rápido das condições".**

"É preciso repetir que o excesso de urbanização constitui não só um grave problema para o desenvolvimento sócio-econômico de uma nação, mas também uma ameaça à sua saúde mental, pois a "superurbanização" reduz os benefícios positivos das cidades para a maioria da população, aumentando ao contrário os seus aspectos negativos em todos os setores da vida humana, inclusive à saúde mental".

"A construção de uma cidade industrialmente muito avançada e distante da cultura tradicional e do padrão de vida da população pode não só sobrecarregar os recursos públicos, mas também criar um elemento de discórdia com o resto da nação. Conquanto a cultura urbana deva marcar o ritmo

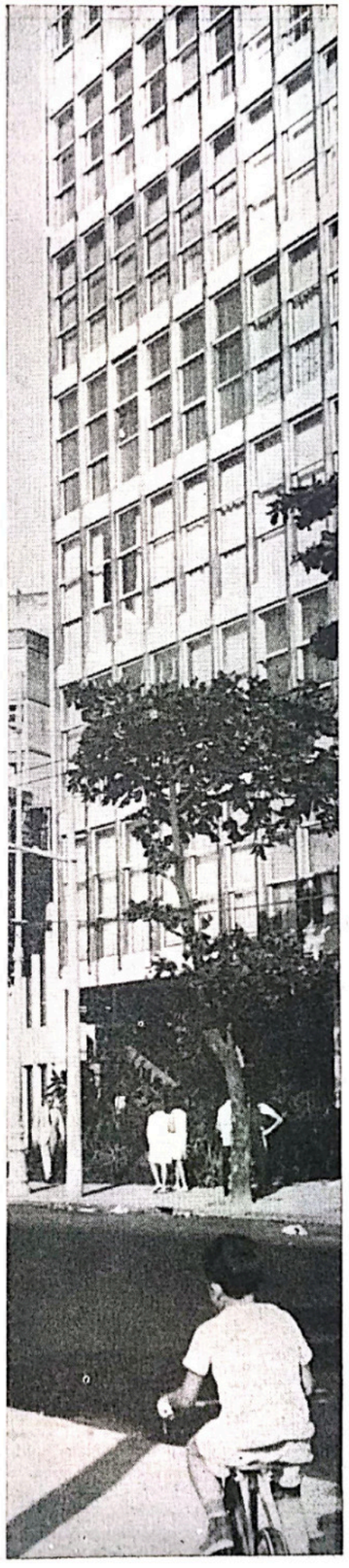


e fornecer o estímulo para a mudança e a modernização, é preciso levar em consideração a conservação da cultura tradicional e o esfôrço de tornar essa mudança aceitável. Isso assegura dupla corrente de influência cultural, que é essencial ao crescimento firme e dinâmico do indivíduo e da sociedade".

MEDITAÇÃO NECESSÁRIA

Os assuntos abordados no relatório do Dr. Tang devem ser meditados. O Brasil, como salientou-se no início dêste artigo, atravessa uma fase de intensa urbanização (em 1950, a relação população urbana-rural, era de 31%, em 1960, 36% e a estimada para 1980 é de 45%). Esta urbanização não tem, talvez, as violentas características da que ocorre na Ásia. Não tem ainda. É, entretanto, suficientemente assustadora para nós. Basta imaginar que se quisermos eliminar o déficit habitacional existente será preciso construir perto de 7 milhões de unidades residenciais. O número é grande e, provàvelmente, dêle não se forma uma idéia muito clara, como extensão material. Se tentarmos imaginar o que significa êste número de casas em têrmos de cidade — única relação plausível, considerada a orientação demográfica mundial — a visão será das mais inquietantes. Considerar a moradia uma coisa isolada, que se resolve sòmente construindo a casa, ajuda a escamotear a dimensão do problema. O fato é que não se enfrenta crises residenciais levantando casas isoladas aqui e ali, e sim promovendo a construção de uma massa de edificações que, em nosso caso, afogará, a incipiente, gasta, mal aparelhada e pouco desenvolvida rêde urbana brasileira.

Erguer sete milhões de habitações, significa dar abrigo e ambientação adequada — dotar de facilidades urbanas, portanto — a 35 milhões de pessoas. Êste número não inclue, convém lembrar, o atendimento do incremento populacional brasileiro, um dos mais altos do mundo. Nêle estão computados apenas os que vivem em baixos níveis de habitabilidade. Trinta e cinco milhões de pessoas podem ser agrupadas em 10 cidades de 3,5 milhões de habitantes (duas cidades brasileiras apenas ultrapassam êste número). Ou em 70 de 500 mil — sòmente cinco cidades no Brasil ultrapassam esta população: Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre.

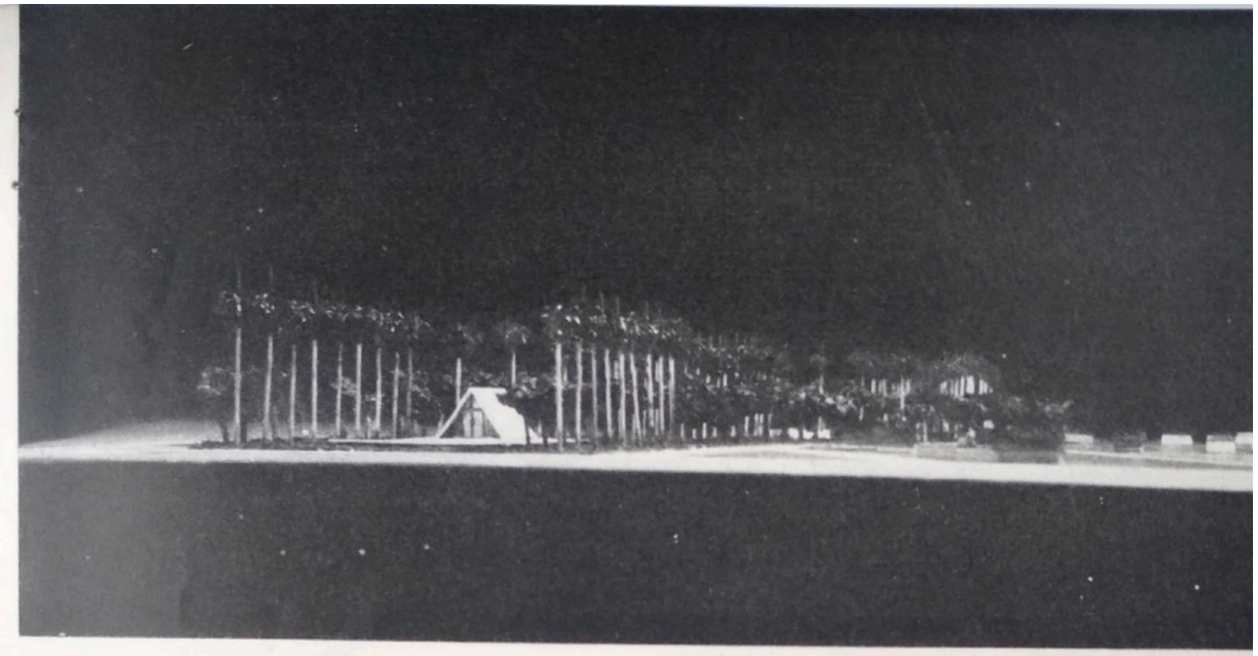


Como não vamos criar, da noite para o dia, essas 70 cidades — todos estamos lembrados da celeuma levantada em tôrno da criação de Brasília, planejada para abrigar uma população desta grandeza — fácil é imaginar o que ocorrerá às existentes. Crescerão ou, mais pròpriamente, "incharão", transformando-se em metrópoles improvisadas, caóticas. Rio e São Paulo já estão neste ponto. Teremos outras?

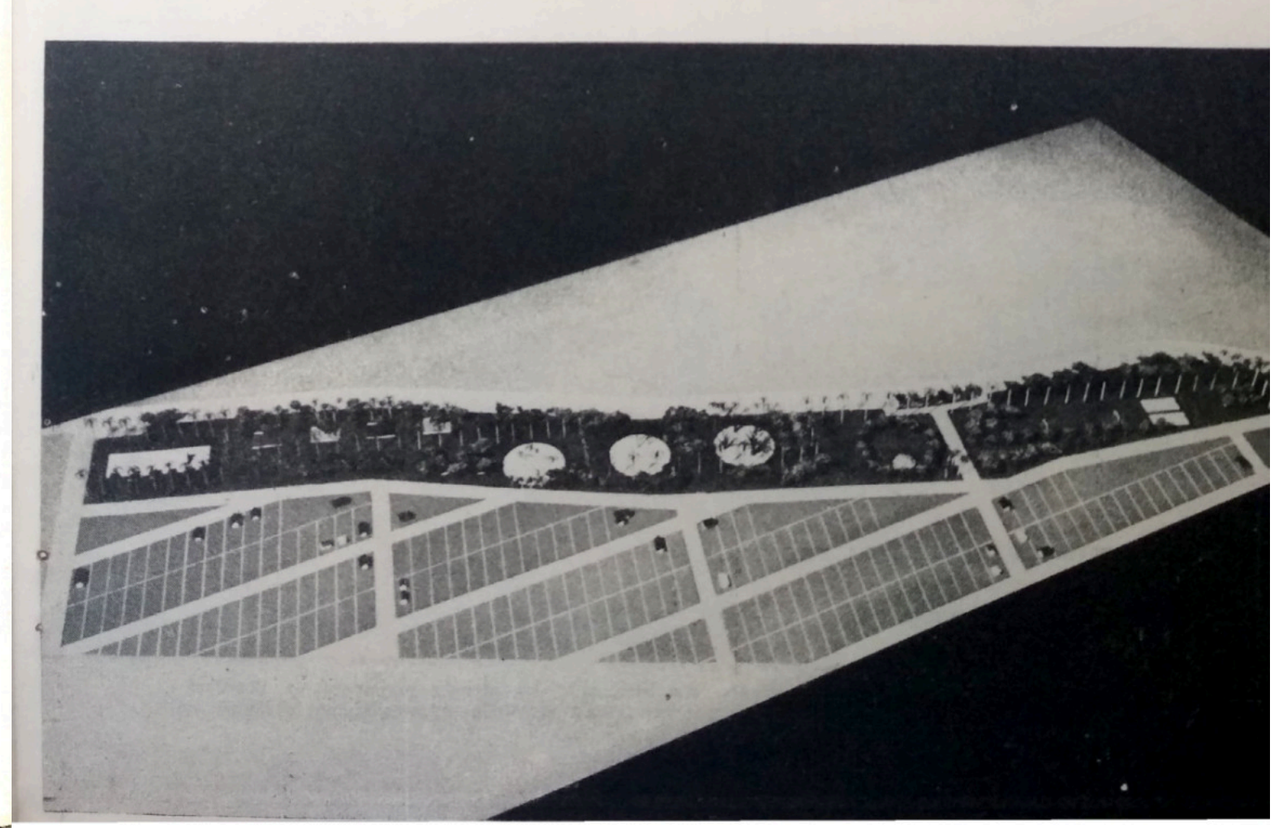
VISÃO DO FUTURO

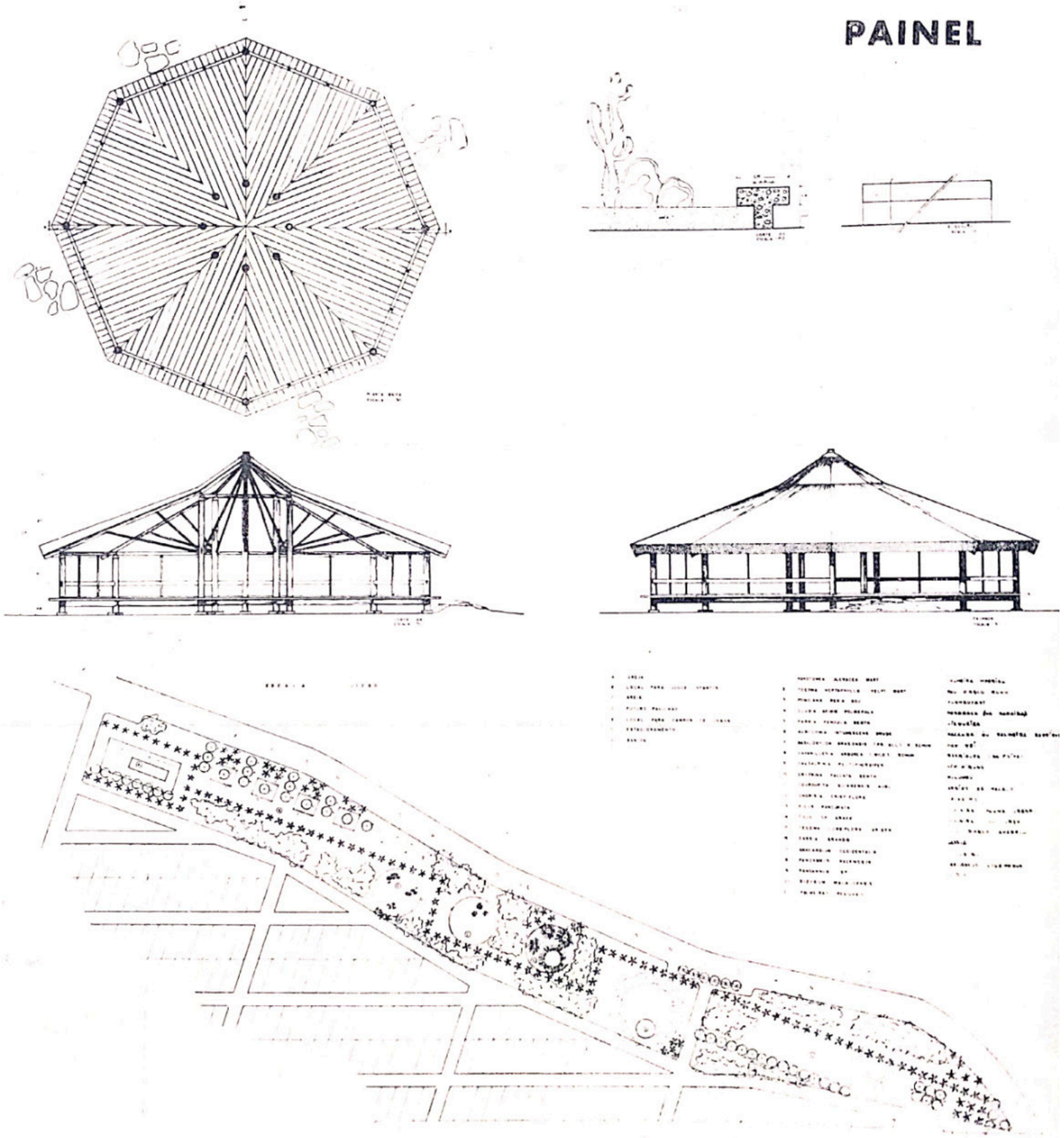
O quadro urbano brasileiro do futuro será certamente o descrito se não forem tomadas, desde agora, as medidas destinadas à ordenação dos núcleos urbanos — dos menores aos maiores — e das regiões nas quais êles estão implantados. Algumas cidades brasileiras já começaram a equacionar os seus problemas de forma global e tratam de formular seus planos diretores. O número delas, infelizmente, é ainda muito pequeno e, se bem que a ação empreendida neste sentido seja das mais positivas, o problema da urbanização, como um todo, não pode ser enfrentado ùnicamente através da elaboração de alguns planos diretores. Uma visão panorâmica do conjunto dos problemas demográficos e territoriais é necessária. O crescimento demográfico da população, sua distribuição geográfica, e as correntes migratórias mais fortes, devem ser analisadas e estudadas cuidadosamente. A base dêsses estudos e dos outros, um préplano do aproveitamento do espaço territorial do país deveria ser formulado visando o aproveitamento integral dos resultados dos planos de desenvolvimento econômico.

Os arquitetos brasileiros vêm desde algum tempo provendo a difusão desta necessidade premente. Em 1958, o **IAB-GB,** com o concurso de outros profissionais, preparou o esbôço de uma lei federal de urbanização. (ver Boletim n.º 3, de março de 1958). O trabalho não é perfeito, mas constitue uma primeira hipótese de trabalho que merece ser retomada e desenvolvida com vista ao progresso e desenvolvimento harmônicos do país. Esta é, por outro lado uma forma efetiva de enfrentar os problemas mencionados pelo Dr. Tang-Yi-Lin em seu relatório e conjurar as ameaças ali denunciadas ■



PAINEL





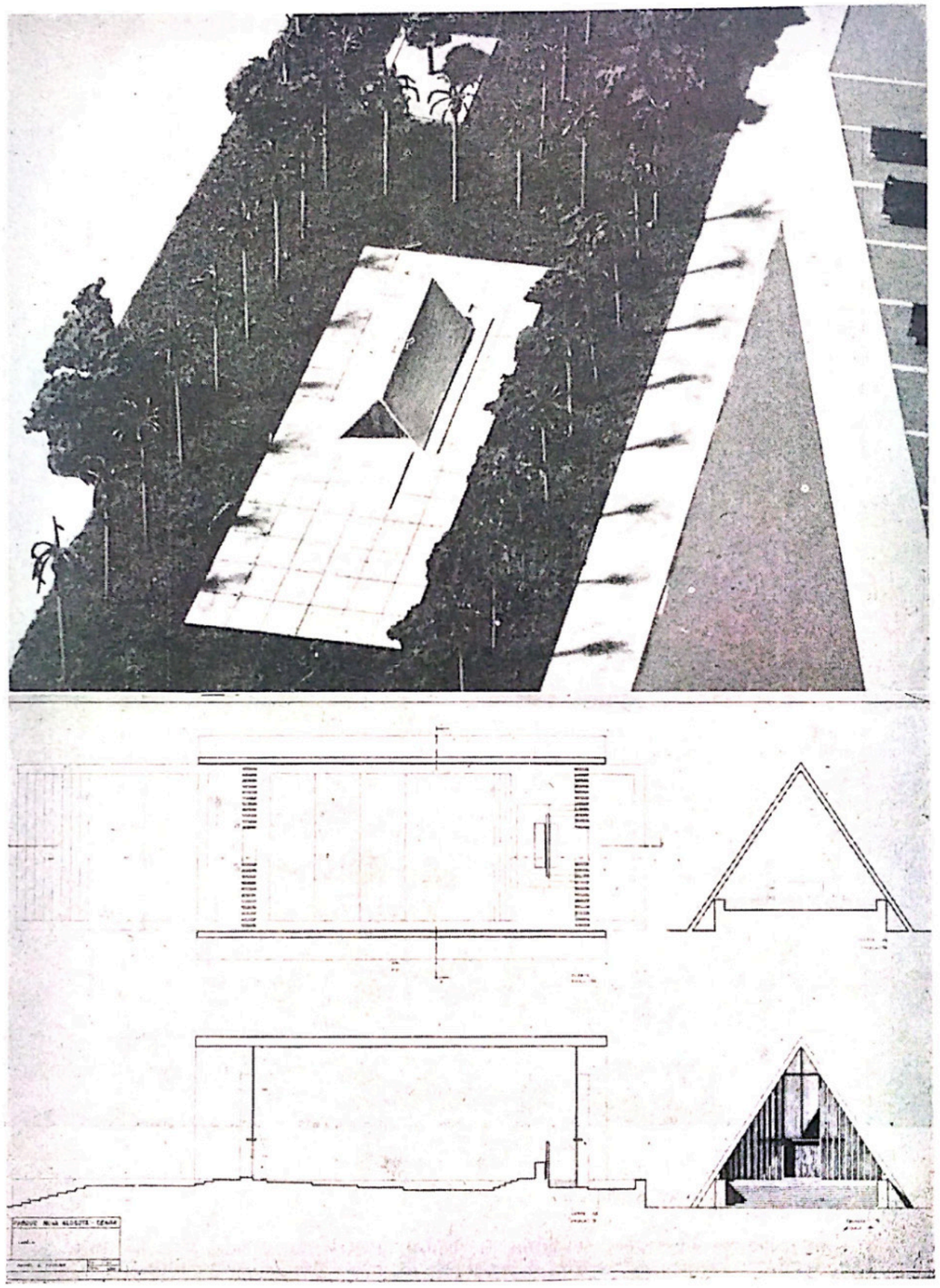
PARQUE E PAVILHAO EM VILA NOVA ALDEOTA

Fortaleza — Ceará

Arquiteto — WIT OLAF PROCHNICK

Projeto — agôsto de 1962

Parque constituindo a faixa verde que separa um loteamento da avenida perimetral de Fortaleza. Várias funções de uso comunal — igreja, local para jogos infantis, pavilhão, estacionamentos e campos de jogos — foram previstas interligando-se os espaços por meio de palmeiras

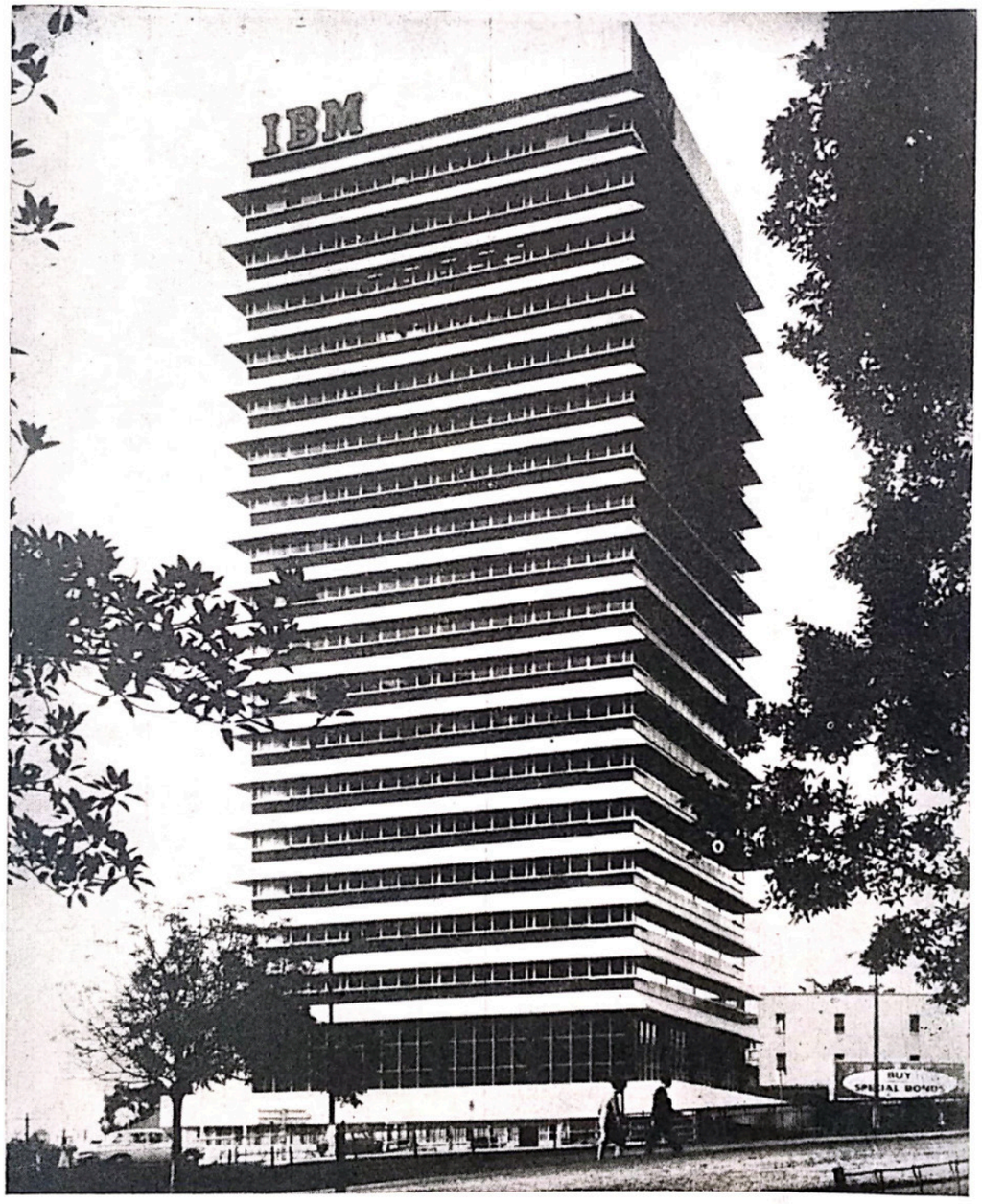


IGREJA DO PARQUE EM VILA NOVA ALDEOTA

Fortaleza — Ceará

Arquiteto — RACHEL ESTHER PROCHNICK

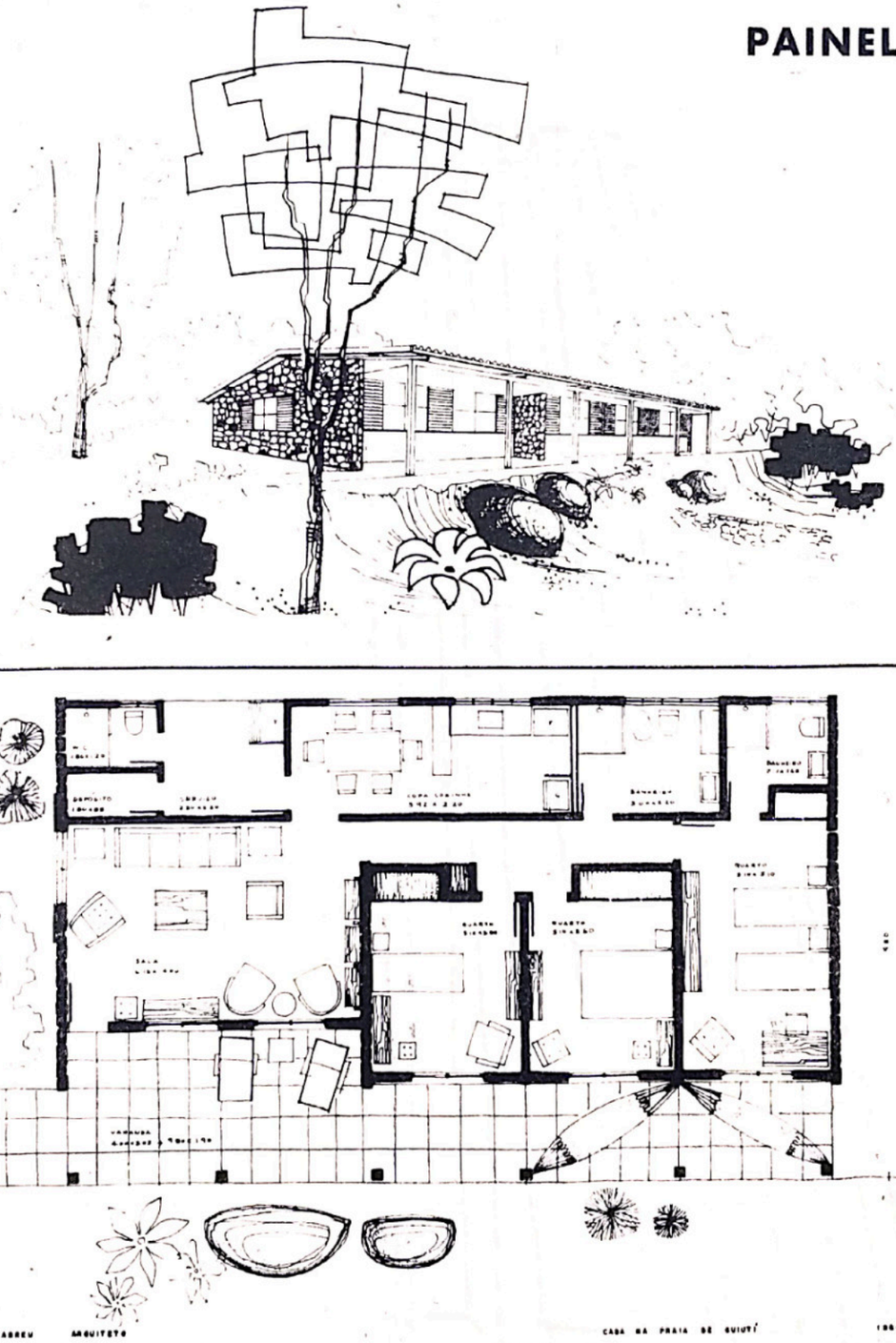
Projeto — 1962



EDIFÍCIO-SEDE DA IBM
Sydney — Austrália
Arquitetos — STEPHENSON & TURNER
Construção — 1963

Os arquitetos americanos Stephenson e Turner projetaram a nova sede da IBM em Sydney, Austrália, procurando resolver os problemas da arquitetura em climas tropicais

O edifício, com 21 pavimentos, tem como característica principal um interessante sistema de "brises" destinado não só a resguardar do sol suas dependências, como a protegê-las das intempéries tropicais e a amortecer o impacto do vento nas superfícies envidraçadas. O "brise" é formado por abas de concreto que circundam cada pavimento, dando à edificação um certo ar de pagode chinês. A construção dêste sistema de quebra-sol constituiu-se numa das mais complexas obras de pré-moldagem já tentadas.



CASA NA PRAIA DE GUIUTI
Mangaratiba — Estado do Rio
Arquiteto — FERNANDO ABREU
Proprietário — ANDRÉ SERGIO SILVA
Projeto -- 1964 — Construção iniciada

Casa destinada principalmente a fins de semana, para casal, 2 filhos e prováveis hóspedes. Construída em terreno irregular onde existe algumas rochas de grande porte e uma ótima vista para o mar. Paredes laterais em pedra do próprio terreno, peitoris da fachada principal em tijolos à vista. Esquadrias em madeira envernizada. Área de construção 160.00m².

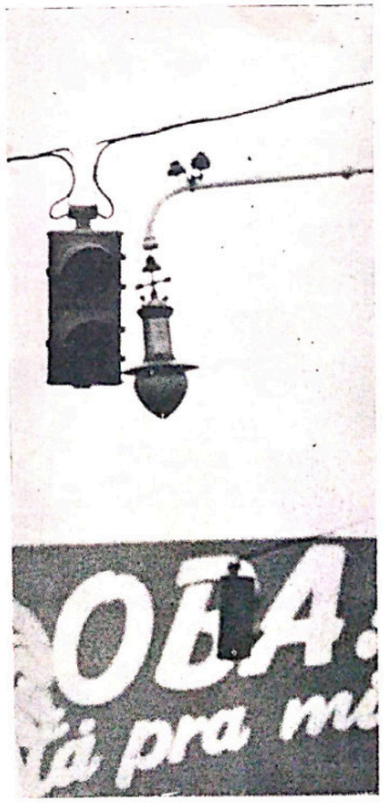


O tráfego e a cidade: estacionamento e circulação

Fotos: JORNAL DO BRASIL





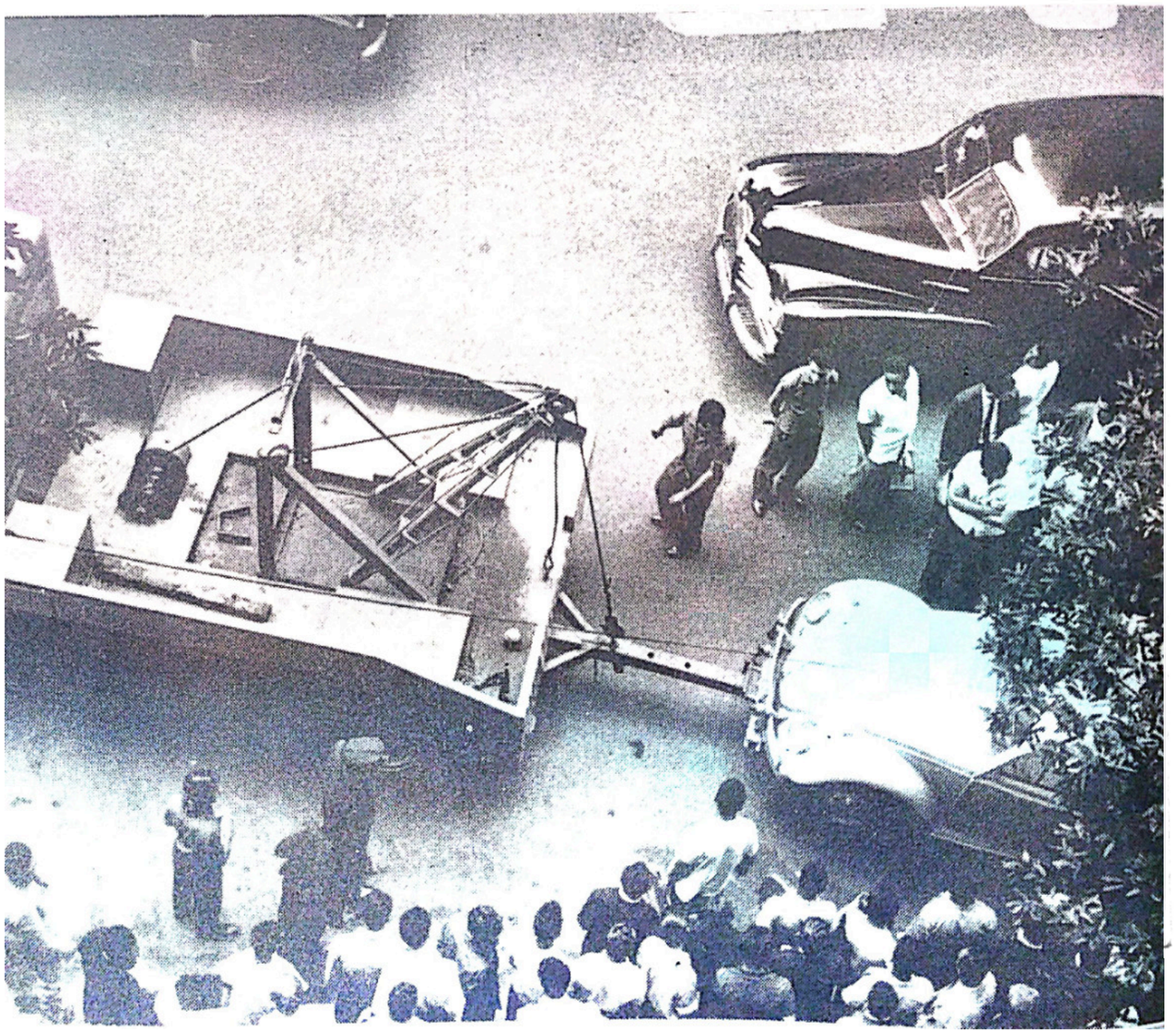


Os pedestres passaram a aceitar não mais ter calçada para andar, depois que os carros parados passaram a usá-las. Os condutores de veículos admitem como normal não encontrar livre as artérias para circular. Todos os que guiam e usam carros — públicos, particulares ou oficiais — se amofinam num tráfego enervante, em vias cuja capacidade de escoamento estava reduzida por filas duplas ou triplas de autos em repouso, e enfartadas pelos que rodam em busca de vaga para estacionar. Os donos de carros particulares não sabem onde parar e deixar seus carros.

Êste é o problema da cidade congestionada. Quadro de uma cidade de tráfego doentio cuja moléstia se agrava e complica, deixando mal seus habitantes. O prognóstico era e se torna cada dia que passa, mais sombrio. Primeiro, pela maneira de tratar o mal. Trata-se ou se procurar tratar dêle e não do doente, a cidade. Ou melhor dizendo, ataca-se o sintoma e não a doença. Os problemas de tráfego não são uma coisa isolada dos demais aspectos do espaço urbano — êles estão envolvidos e, de certa forma, envolvem -êles mesmos tôda a problemática da área urbana, um organismo diâmico.

Assim entendendo, é de estranhar a passividade com que todos sofrem as conseqüências, à espera de uma milagrosa intervenção do Estado. Ao Poder Público compete, no final das contas, a maior parcela de responsabilidade e o ônus de enfrentar em tôda sua dimensão o problema. O Poder Público, entretanto, não é uma figura mítica, desligada e diferente de todos nós. À população cabe uma contribuição decisiva em qualquer sistema ou forma de governar. Uma forma efetiva de colaborar e participar é interessar-se por conhecer os problemas da cidade, estudá-los e debatê-los. A população do Estado da Guanabara é uma das de mais elevado nível cultural do país. Dessa população, é lícito esperar outra atitude que não a de uma passiva espera de soluções milagrosas.

Daí achar ARQUITETURA oportuna a divulgação de dados e conceitos sôbre o tráfego, encarando-os do ponto de vista do planejamento urbano. Esta é a maneira pela qual os problemas de tráfego vêm sendo enfrentados no mundo inteiro. A introdução de veículo motorizado significou um impacto formidável na estrutura urbana e suas conseqüências não foram ainda, em qualquer cidade, completamente dominadas e controladas. Pensar, estudar e debater êstes problemas é pois uma obrigação não só dos técnicos e das autoridades responsáveis diretamente, como da camada intelectualmente mais preparada da população.



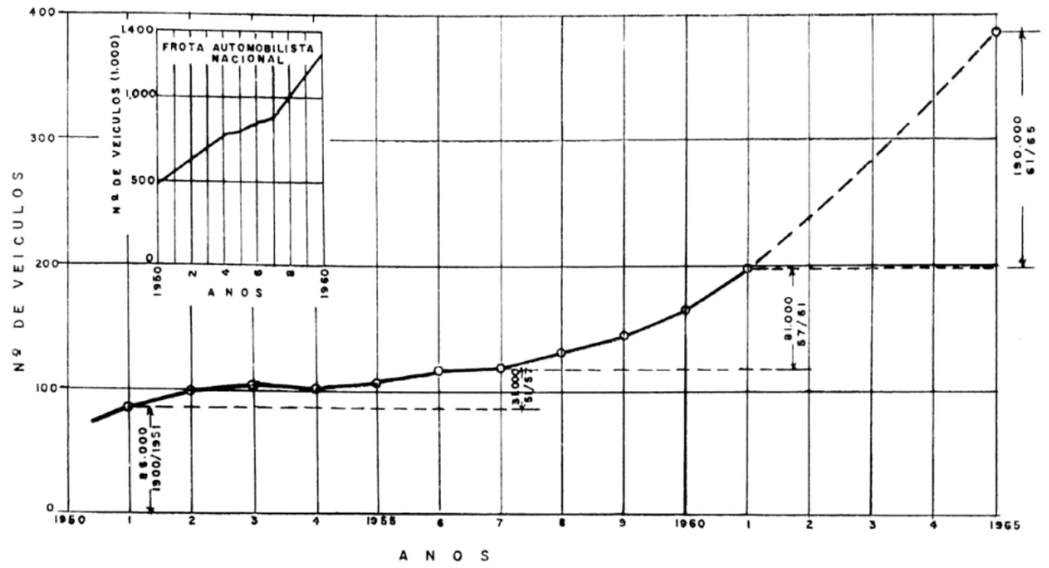


Grafico da evolução da frota automobilística de São Paulo e nacional. Transcrito da Revista de Engenharia, junho de 1963.

O NOSSO PROBLEMA

O problema de tráfego nas cidades brasileiras não está senão despertando. Basta verificar os números do quadro anexo — relação automóvel-habitante em algumas cidades — para perceber que os sintomas já sentidos tenderão a se agravar bastante em futuro não muito longínquo.

Neste quadro, nota-se que, relativamente às demais cidades relacionadas o índice habitante-automóvel das duas maiores cidades brasileiras é ainda muito baixo. Em fins do ano passado, o então diretor do Serviço de Trânsito da Guanabara, arquiteto Stélio Moraes, informava que ao término de 1963 o número de veículos em circulação nas ruas do Rio atingiria a casa dos 200 mil. Número êste que significa a ocorrência de entre 18 a 19 veículos por habitante.

O engenheiro Eduardo Fares Borges em artigo publicado na revista ENGENHARIA, órgão do Instituto de Engenharia de São Paulo, número de março de 1963, mostra que a partir de 1957 a curva do gráfico de veículos em circulação sofre uma rápida inflexão para cima. O ano de 1957 é o primeiro da produção nacional de veículos motorizados. Assim, vemos que após a estabilização dos anos 1953-1957, conseqüência da Instrução 113 do então Ministro da Fazenda Oswaldo Aranha, que criou taxas diferenciais de câmbio que dificultavam bastante a importação de veículos, a tendência é para um constante e progressivo aumento da frota nacional de veículos e o conseqüente agravamento das condições de tráfego urbano e rodoviário.

Em 4 anos, período de 1957-1961, assinala o engenheiro Fares Borges, a frota automobilística de São Paulo foi acrescida de 80.500 veículos. Para ter uma noção do significado dêste número é bastante considerar que em 1951, São Paulo possuía uma frota de

RELAÇÃO HABITANTE-VEICULO DE ALGUMAS CIDADES

CIDADE	ANO	HABIT/ VEÍCULO	FROTA	POPULAÇÃO
São Paulo	1961	20,6	198.000	4.074.228
Rio de Janeiro	1961	26,1	130.700	3.416.292
Nova York	1961	5,4	1.431.540	7.710.300
Los Angeles	1961	2,1	2.876.100	5.979.200
Chicago	1961	3,2	1.594.560	5.086.900
Detroit	1961	2,6	1.039.040	2.651.600
Philadelphia	1961	3,8	524.327	1.960.000
Paris	1960	5,5	1.200.000	6.600.000
Roma	1960	5,3	350.660	1.874.000
Amsterdam	1960	11,4	76.770	872.000
Lisboa	1960	9,6	88.500	844.000
Madrid	1960	12,8	175.500	2.250.000
Duesseldorf	1960	6,8	100.000	680.000

(Transcrito da Revista de Engenharia, Junho de 1963)

86.300 veículos, portanto, **nos primeiros quatro anos da produção nacional a frota da Capital foi acrescida de um montante equivalente a tôda a frota acumulada no 1.º século da era do automóvel**".

A previsão futura para São Paulo, ainda de acôrdo com o estudo do engenheiro Fares Borges, que utilizou a taxa de crescimento de 14% , dá os seguintes números:

Frota em 1961	198 000
Frota em 1965	388.000
Acréscimo 1961-1965	190 000

Estes dados indicam a necessidade premente de pensar, em têrmos realísticos e sérios, na proteção de nossas cidades contra o afogamento por uma massa de lata e motores. Muitas cidades do mundo já estão tomando medidas drásticas visando a restrição do uso de automóveis particulares — êles ocupam, quando em circulação, uma área de 6 metros quadrados e, para estacionar, cêrca de 25 a 30 m2 — substituindo-os, nas áreas urbanas centrais, por veículos de transporte coletivo. A revista Scala Internacional, junho de 1964, acentua que "**a grande atração do carro próprio é o confôrto de entrar nele em frente de casa, e só sair exatamente no ponto de destino. Essa liberdade porém, já chegou ao fim na democracia inglêsa de proprietários de automóveis: é forçoso racionalizar o espaço das ruas e estradas**".

CIRCULAÇÃO

Talvez pareça um tanto óbvio dizer que uma das funções básicas da cidade é proporcionar uma perfeita circulação de pessoas, veículos, mercadorias etc. Com o impacto da industrialização esta função tendo que atender a um maior volume de coisas em trânsito vem se tornando cada vez mais complexa. Os sistemas de vias de tráfego para atender a êste aumento de volume tornam-se por sua vez extremamente complexos e onerosos.

O Rio de Janeiro inegavelmente dispõe de uma das melhores rêdes viárias do país. Se hoje ela não mais suporta o volume de veículos em circulação, culpa não pode ser atribuida aos profissionais que as planejaram. No Departamento de Urbanismo, lutando contra tôda a sorte de incompreensões e dificuldades materiais, técnicos de grande valor e competência profissional — Afonso Reidy, Hermínio Andrade, José de Souza Reis, entre outros — conseguiram estabelecer um sistema de vias para a cidade. Se êste sistema não tivesse sido planejado e executado parcialmente ninguem no Rio circularia para parte alguma.

Mas se o Rio tinha um plano viário por outro lado nunca teve um plano urbano. Esta é uma das causas fundamentais de sentirmos agora, intensamente, o drama que significa deslocar-se e estacionar na cidade. Deixou-se construir à vontade. Os gabaritos foram elevados ao sabor da especulação, sem que se pensasse exatamente na sua significação para o futuro da cidade. Ruas destinadas a receber casas unifamiliares, tiveram essas casas demolidas, e em seus lugares surgiram edifícios de 8, 10 e 12 e mais pavimentos. Onde moravam 5 pessoas passaram a viver, às vêzes, 1.000 ou mais. As ruas, entretanto, continuaram com sua mesma faixa de rolamento. A exceção da lei das garagens, não se pensou em estacionamento.

A CONGESTÃO DO CENTRO URBANO

A cidade deveria responder eficazmente às necessidades de seus habitantes. Um bom sistema de transportes é uma dessas necessidades. Através dêsse sistema é possivel a realização de trocas, de vendas, de negócios, enfim de todo o convivio de que carecem os habitantes. Uma forte deformação de nossa civilização maquinicista, leva, cada vez mais, a considerar prioritàriamente os fatos da vida econômica, em detrimento dos demais valores espirituais e culturais. Os aspectos do lucro e da perda, do rendimento máximo e de uma maior produtividade, preponderam sôbre quaisquer outros.

Estacionar é um dos componentes do transporte urbano dentro da escala de valores prioritários, e deveria ser encarado com o mesmo cuidado que se dedica ao sistema de vias e ao de transportes públicos. A sua falta acarreta danos tão consideráveis quanto os provocados pelo engarrafamento, ou pela ausência de uma frota de veículos que transporte rápido, bem e cômodamente a população.

A crescente melhoria do traçado das vias urbanas e do sistema de transporte público, implica no conseqüente aumento da densidade de pessoas e veículos nos principais pontos de convergência da cidade. Esta maior concentração é uma das exigências da vida econômica do centro urbano. Significa maior número de empregos, maior volume de vendas, mais locais de diversões etc. A concentração, entretanto, tem duas faces. A atração determina a congestão da área central urbana. Os meios até agora empregados para combater êste congestionamento, não tendo o necessário caráter global e atuando apenas sôbre certos aspectos do mal, tendem a agravá-lo em vez de resolvê-lo. Enrico Tedeschi observou que "**o congestionamento que começou com o emprêgo do bonde puxado a burro,' aumentou com o elétrico, creceu mais ainda com o automóvel e o ônibus e pessoa apresentar extremos psicopáticos quando se usaram remédios aparentemente radicais, como os trens subterrâneos e os elevados. Êstes recursos, imaginados para combater a congestão, se transformaram em meios de congestionamento ao permitirem que um número cada vez maior de pessoas pudessem se reunir ràpidamente em uma zona restrita. A cidade burocrática, de imediato, respondeu ao desafio levantando edifícios mais altos, capazes de abrigar um numero sempre maior de empregados e papéis**.

ESTACIONAMENTO

Se interessa à maioria elevar ao máximo a densidade da população no centro da cidade, em certas horas do dia, devem ser proporcionados meios adequados de estacionar, de circular e de tornar acessíveis os preços do custo do transporte público. Em outras palavras, é preciso racionalizar o sistema de circulação da cidade, aumentando-lhe a produtividade.

Richard U. Ratcliff, professor de Economia de Terras da Universidade de Wisconsin, discutindo o problema do estacionamento e considerando-o inseparável do problema de tráfego, pergunta: "**A quem cabe o ônus do financiamento dos serviços de estacionamento? A comunidade, aos comerciantes, que se beneficiam com o aumento das vendas, ou a ambos? Se o custo deve ser arcado por tôdas as pessoas que recebem benefícios, então, quem se beneficia? RUD** termina concluindo ser de justiça que a carga geral recaia sôbre tôda a comunidade metropolitana.

Esta não é, entretanto, uma opiniao pacífica. Larry Smith, discutindo as opiniões do Prof. Ratcliff, diz que, para a cidade, é tão importante o usuário do transporte público quanto o proprietário de carro que o emprega para ir ao centro. **LS** considera ainda que o custo "per capita" de prover estacionamento é muito mais alto do que o de assegurar um bom sistema de transporte público e, assim sendo, ha tanta razão para oferecer serviços gratuitos de vias e estacionamento, quanto para subvencionar o sistema de transportes públicos.

A opinião de **LS** parece ser a mais geralmente aceita. Tôdas as cidades do mundo estão tomando medidas que visam a restringir o emprêgo do carro particular no centro urbano.

Uma outra medida, considerada de certa eficácia, é a que leva as autoridades municipais a exigir dos empreendedores a obrigatoriedade de assegurar locais para estacionamento. Assim, qualquer cinema, teatro, loja, hotel, estabelecimento industrial e mesmo residências são obrigados, para obter a licença, disporem de uma determinada área reservada ao estacionamento de veículos. Um guia de zoneamento para pequenas cidades, preparado pela Associação Sulista de Órgãos Estaduais de Planejamento e Desenvolvimento dos **EUA**, recomenda as seguintes previsões de áreas para guarda de veículos: **residências**, uma vaga para cada unidade domiciliar; **acomodações para turistas**, uma vaga para cada quarto; **teatros, auditórios, estádios ou outros locais de reuniões publicas**, uma vaga para cada dez lugares, considerada como base de cálculo a capacidade máxima de lugares sentados; **hotel**, uma vaga para cada quarto de hóspedes; **lojas e outros estabelecimentos em distritos de comércio local**, uma vaga para cada 5.50 m2 de área construída; **edifícios de escritório**, uma vaga para cada 27 m2 de área construída; **estabelecimentos industriais**, uma vaga para cada cinco operários, tomando como base de cálculo o número máximo de empregados e o espaço para carga e descarga dos veículos usados nas operações do estabelecimento.

Estes valôres parecem evidentemente muito altos para qualquer um de nós. Nenhuma cidade brasileira tem indice automóvel-habitante semelhante aos das cidades americanas. Por outro lado, os ingleses, que durante muito tempo fizeram exigências dêste tipo, estão já inclinados a reconsiderar o problema. A existência de facilidades para estacionar implica em ter, um número cada vez maior de veículos em circulação nas vias, ruas e praças. A tendência hoje, na Inglaterra, é de fazer severíssimas restrições ao emprêgo de carros particulares nas áreas urbanas centrais. A Comissão Buchann, que estuda o problema, está inclinada a estabelecer taxas de pedágio para o tráfego urbano de veículos. Esta informação, colhida na revista Scala Internacional, adianta ainda que uma vez aceitas as sugestões da Comissão Buchman, a circulação no centro das cidades ficará bastante cara para os usurários de carros particulares. A receita obtida da cobrança destas taxas será destinada a melhorar o sistema de transportes públicos que deverá ser rápido, eficiente, confortável e atraente. Segundo a mesma revista, as somas a serem utilizadas na Inglaterra para enfrentar o problema do tráfego são gigantescas. O prof. Buchanan, entretanto, considera que "**se o pais pode e quer gastar novecentos milhões de libras anuais, na aquisição de carros, deve também admitir a aplicação da mesma soma, nas obras que asseguram o tráfego dêsses veículos, sem destruírem a organização da sociedade**".

RIO, 1964

O Rio tem vivido nos últimos tempos uma rápida alteração no seu sistema de tráfego. Medidas policiais radicais foram postas em prática para coibir o estacionamento em áreas ou locais determinados. As medidas tomadas, de uma certa forma, refletiram-se benèficamente sôbre o nosso caótico ssitema de tráfego) Restrições policiais, entretanto, tendem a só surtir efeito enquanto persiste a ação repressora. Quanto custará manter um exército de guardas a esvasiar pneus?

A nosso ver, paralelamente, outras medidas deviam ser tomadas visando assegurar meios de estacionamento e a propiciar um sistema de transportes públicos capaz de atrair os donos de carros particulares, desestimulando o uso do automóvel para vir à cidade.

O problema, entretanto, não pode ser visto ùnicamente de ângulo do tráfego. Impõe-se o estabelecimento de providências globais que envolvam o planejamento integral da área metropolitana do Rio. ■

M. N. B.



Galeria

literatura

REALIDADES BRASILEIRAS E LITERATURA — II

M. Cavalcanti Proença

Seria exagêro artistico explicar a realidade rural que se configurou na região, hoje dita centro-oeste, com a natural indeterminação de linhas que caracteriza êsse tipo de sistemática, mas, na verdade, parte de Minas Gerais, de Goiás, da Bahia, de Mato Grosso e de São Paulo, na região em que se entroncam com os formadores do Paraná, o Rio Grande e Paranaiba.

Històricamente é uma zona de civilização bandeirante. Sua aparência, o relêvo do sclo, merecem as denominações de vários tipos de planicies, baixas ou elevadas: varzeas, taboleiros, chapadas, chapadões. E coincide o revestimento floral com as diversas modalidades de savanas, do buriti dos campos gerais, dos cerrados, dos cerradões, das campinas alpestres. As diferenças de nivel, freqüentes e aproximadas entre si, favorecem o trabalho da roda dágua, requinte do aproveitamento dos riachos perenes; a máquina agricola rudimentar é o monjolo, plangente, continuo, cantando — xo - pan! segundo Monteiro Lobato.

Sona de milho, exgotador da terra, do arroz, nas veredas e vargens de pindaíba ou de buritizal, onde as águas afloram. Mas tôda essa agricultura é puramente local satisfazendo, apenas as necessidades próprias de cada comunidade, não indo além do fornecimento aos pequenos povoados, onde as casas se reunem em tôrno da igreja, para que o povo possa remir a alma, e, onde, mais tarde, abrem espaço para a escola, vontade de remir a ignorância dos filhos.

O que a planicie, nos seus vários aspectos, favoreceu e desenvolveu, foi o mesmo a pecuária. O boi é que encheu os espaços vazios entre a cidade-mater, São Paulo, e os arruados que foram crescendo vertiginosamente — e na vertigem se incluem rapidez e desordenação — em roda das descobertas de ouro ou de diamante.

A riqueza do ouro e diamante permite importar a mercadoria mais cara de tôdas — o negro que sabe mexer com a batéia, reconhecer o cascalho, e, além disso, sabe torcer o fumo, conservá-lo depois de colhido, e até lavrar o ouro. O resto da mercadoria, dos primeiros recursos tirados do chão, aos segundos, criados nos campos, veio no lombo das tropas de burros, aproveitando as águas perenes e os longos estirões, apenas interrompidos para a subida das cordilheiras.

E aí está o material que era preciso diversificar, mas não desomogenisar, uma literatura que poderá receber muitos titulos, como a de centro-oeste, dos cerrados, e, aproveitando especificamente um livro, das "tropas e boiadas". Aí estará a literatura dos garimpos, que começa com Bernardo Guimarães em **O Garimpeiro** e chega até hoje, com Heberto Sales, em **Cascalho**, incluindo, ainda, a literatura das cidades que se apagaram, porque só se iluminavam no clarão do ouro.

Nesse ponto, é bem notar que **Ermos e Gerais**, em que Bernardo Ellis nos dá um retrato de cidade do interior, também poderia ser nome da literatura desta zona. Modernista quanto aos recursos e soluções expressivas, o admirável **Cavalinho de Patipianto**, de José Veiga, põe a cidade velha representando de personagem. E **Tropas e Boiadas**, de Hugo Carvalho Ramos, também não pode ser omitido na história de nossa literatura regionalista.

E aqui tocamos num ponto que vale a pena abordar sob aspectos mais pormenorizados. Dois autores antigos identificam a região, através de livros cuja intenção se percebe até hoje: Bernardo Guimarães e Alfredo de Escragnole Taunay. Neles, é a paisagem que se valoriza através de algumas descrições que, embora românticas, possuem o traço realista, servindo, mesmo, como material documentário. Pois, se a paisagem é idealizada com a escolha e composição dirigida pelo autor, êste se limita a idealizá-la, segundo o seu conceito estético, e a interpretá-la segundo o seu aspecto romântico, sem alterar nem deformar a natureza. Em **Inocência**, de Taunay, e em quase todos os romances de Bernado Guimarães, o cerrado comparece, o tropeiro e o boiadeiro estão presentes, as árvores recebem os nomes próprios: as queimadas, trovões, chuvas torrenciais dão aos livros dêsses romancistas condições de documentos que até ensaistas consultariam; recordemse a propósito, que uma descrição fito-geográfica do cerrado, válida até hoje, é a de Taunay.

Êsses dois autores, quando usam a linguagem regional, fazem-no com parcimônia, avisando ao leitor a importância que tem a consignação de têrmos em aparente desuso em outras regiões do pais. Serão sertanistas, sertanejistas.

Mas é justo grupar um segundo tipo de escritores chamados regionais, e que terão extraordinária importância, divulgando a linguagem característica dessa parte do Brasil, que, em primeira tentativa, estilizarão pela escolha dos giros sintáticos e vocabulário expressivo da linguagem brasileira, isto é, de uma língua portuguêsa do Brasil.

Ao enumerá-los, sem preocupação de valor ou cronologia, o primeiro que aparece é Afonso Arinos. Seu estilo eloqüente, de tom chatobriandesco, capaz de aproximá-lo de Alencar e ao mesmo tempo, das amplas ressonâncias de Euclides; suas preocupações com a Grécia, que o filiam ao parnasianismo. Traços principais de sua prosa, podem ser reconhecidos, fàcilmente, no célebre "Buriti Perdido". Afonso Arinos não aproveita com abundância o material da região, se bem que o saiba aproveitar com maestria.

O primeiro, já agora cronològicamente, a ajustar expressão e conteúdo, é êsse importantissimo Waldomiro Silveira, dos **Caboclos**, dos **Mixuangos**, do **Nas Serras e nas Furnas**; também, de **Leréias**, êste de menor valor, por nele haver tentado a aceitação da corruptela fonética e sintática, pelo fato de não apresentar um sistema de transcrição.

Mas, aproveitando o material da linguagem regional, Waldomiro Silveira foi, até certo ponto, precursor do Modernismo, e, antes do Modernismo, precursor de Monteiro Lobato, que com pinceladas de urucum nacional, conseguiu abrasileirar o seu estilo caboclo, haurido em longas leituras de promotor em disponibilidade, numa cidade-fantasma.

E, aqui, a repetição não será demasia, segundo conceito gideano, a continuidade da literatura. Porque é essa estilização da linguagem brasileira que irá dirigir um dos rumos da pesquisa modernista, algumas do próprio Mário de Andrade, que, pelo menos em um dos trabalhos do **Primeiro Andar**, já se revelara contista regional; e essa orientação virá crescendo, até explodir em girândola nas páginas de Macunaíma. ■

artes visuais

Ferreira Gullar

MORANDI E A POETICA DO OBJETO

A morte de Giorgio Morandi marca o desaparecimento de uma das personalidades mais originais da arte contemporânea. Tão original que essa palavra parece pouco se adaptar à sua arte, que fugia a tôda espécie de rebuscamento e arrojos. A originalidade do simples, numa época de retórica. A originalidade da paciência e da meditação numa época de pressa e ação.

A arte de Morandi era de tal forma nova que muita gente temia gostar dela e ser considerado um saudosista. Mas isso, também compõe o universo significativo, cultural, de sua obra, e serve para melhor aplicá-la.

De fato, a arte de Morandi não estava inteiramente em acôrdo com a pintura que se fazia no mundo paralelamente a ela. Morandi era contemporâneo mas não era moderno.

No entanto, os mais apaixonados vanguardistas sempre se detinham diante dêle, com reverência. E gostavam sinceramente de suas naturezas-mortas de garrafas e objetos obsoletos. Por quê? Por amor ao seu contrário? Por nostalgia? Numa época em que o dinamismo leva à dissolução dos objetos, Morandi, num recanto tranqüilo da Bolonha, faz o objeto durar. Nessa contradição, é que vamos descobrir a sua obsolescência e a sua atualidade.

Dentre os vários enfoques com que se pode abordar o fenômeno da arte contemporânea, está o da relação entre o tempo exterior e o tempo interior. Isto é, a arte como representação do fluir ou da duração. Pode-se dizer que o Impressionismo, no seu afã de captar o instante, é, contraditòriamente, uma arte do devenir. Pelo menos, ali se exprime a luta do homem por fixar a face mutável do mundo e do tempo. O homem extrovertido sente-se fluir com a luz do dia, a cada minuto.

É Cézanne quem reage a essa entrega aberta ao devenir e busca encontrar a síntese entre a impressão fugaz e estrutura duradoura. Morandi é seu discípulo, na medida em que atende àquela necessidade de fugir ao fugaz. E leva adiante êsse propósito, a ponto de voltar à pintura de ateliê, ao diálogo burguês com os objetos que vivem dentro de casa. Lá onde o sol não penetra, uma luz quase eterna desenha as formas estáveis das garrafas, bules e chávenas, que a poeira recobre pacientemente. E, como se estava à margem do tempo, Morandi trabalha.

Essa luta, que está presente em tôda a arte contemporânea, com o tempo, reflete a questão social da arte, sua marginalização. É falta de função que coloca o artista nesse corpo a corpo com o tempo. Pintar para nada e para ninguém é **perder tempo,** perder a vida, gastá-la inùtilmente. Daí a necessidade, para os artistas, de fundar no real o seu trabalho, isto é, o tempo que passa a pintar. Daí a necessidade de que o tempo do trabalho não seja um tempo qualquer mas um **tempo verdadeiro,** essencial. Os Impressionistas queriam que as suas pinceladas coincidissem com o próprio instante exterior do que pintavam, como se a natureza pintasse por suas mãos. Nasce aí a interiorização da pintura, que terminou por abandonar a aparência do mundo e buscar apreender-lhe apenas o fluir, que estaria, menos fora, do que dentro do homem. O tachismo é o resultado dessa redução: a exacerbada tentativa de dar sentido a uma atividade inútil. E Mathieu pinta em público para que o tempo que perde seja testemunhado por todos...

Morandi não precisa de testemunhas. Ao invés de disputar com o tempo, eliminou-o, o que equivale a eliminar a atualidade do mundo. Suas paisagens não têm sol, como os seus objetos, depois de certo tempo, não têm sombras: situam-se num espaço ideal. Na sua arte, a figura humana não existe, porque a sua presença é perturbadora. E não é por acaso que, na época moderna, a arte fundou tôda uma poética sôbre os objetos. Essa poética é o passo anterior à abstração. E é aí que reside a ambígua atualidade de Morandi, figurativo numa época de arte abstrata. É que a sua figuração, reduzindo os objetos a bruxuleantes imagens de um mundo ideal, também colabora nessa sistemática destruição das relações objetivas entre o homem e o mundo, de que a arte abstrata é a etapa extrema. Morandi não faz mais do que esgotar as últimas potencialidades de uma linguagem figurativa condenada a morrer.

Mas o que morre, com Morandi, e morrerá com a arte abstrata, é a poética do objeto, a arte que se nega a falar do homem e do mundo na sua condição concreta, social e politicamente definida. Sôbre seus destroços se erguerá uma arte nova. ■

cinema

GANGA-ZUMBA:

ENTREVISTA COM CARLOS DIEGUES

Os primeiros dias de março assinalaram o lançamento na Guanabara do filme "Ganga-Zumba, Rei dos Palmares". Seu diretor é Carlos Diegues, responsável por esta coluna desde a introdução da Galeria em nossa Revista.

ARQUITETURA colheu o depoimento de seu colaborador sôbre sua primeira experiência em longa-metragem.

Por que o romance Ganga-Zumba do João Felício dos Santos?

A idéia fundamental é anterior à leitura do romance: fazer um filme sôbre a liberdade. Na leitura do romance, o surgimento de um nôvo elemento: a cultura negra, coisa que me encantava há muito tempo. Daí, o desejo de tentar uma experiência quase aventura, isto é, fazer um filme negro sôbre a liberdade.

O resultado final do filme corresponde ao planejado?

Na medida em que isto foi possível. Em primeiro lugar, o realizador brasileiro está sempre exposto às incertezas de um sistema de produção precário, imprevisível. Em segundo lugar, muita coisa que nos foge ao alcance da idéia ao roteiro, que surge na montagem, às vêzes até já em exibição. No essencial, entretanto, o filme corresponde àquilo que queríamos fazer. Com todos os seus erros e acertos.

Que pontos de contatos existem entre Ganga-Zumba e "Escola de Samba Alegria de Viver", seu episódio em Cinco Vêzes Favela?

"Escola de Samba" foi superhiper malhado pela crítica e público em geral, mas nunca neguei minha assinatura a êle. Embora reconhecendo como uma obra essencialmente frustrada, irrealizada (por motivos que não cabe extender aqui), tenho certeza que os principios fundamentais de "Ganga-Zumba" estão lá. Principalmente uma série de idéias de "mise-en-scéne" que foram depois desenvolvidas, mas que apareciam na curto de "Cinco Vêzes Favela". Outro ponto de encontro: a idéia de fazer um cinema politicamente válido e eficiente sem recorrer à demagogia, penetrante no sentido de sua pesquisa humana. De tudo isso, um exemplo: tôda a construção geral de "Ganga-Zumba".

Como situar Ganga-Zumba no panorama geral do cinema brasileiro?

Como uma obra que, embora tôdas as discussões, pode abrir um outro rumo no riquissimo quadro

do cinema brasileiro. Fora disso, no sentido de uma análise da obra em si, qualquer ponto de vista expresso pelo autor será prejudicado. Tem também uma outra significação, independente de uma análise de valor: a conquista do público pelo cinema brasileiro se dará, em que pese as infindáveis argumentações dos conservadores e acadêmicos defensores do reacionário "filme fácil". "Ganga-Zumba" é o resultado, ou mais um resultado, desta luta enorme que vem sendo travada desde alguns anos. Se puder ser uma continuação válida desta luta, tanto melhor.

Muitos se queixam da excessiva lentidão na maioria das cenas. Sendo correta a observação isto é uma deficiência do filme ou da platéia?

Não acho o filme lento. É preciso acabar de uma vez com os esquematismos idiotas face ao cinema. O público tem na sua cabeça os esquemas tradicionais de melodrama, de western, etc. E os aceita com facilidade. Mas isso não é um dado essencial na sua cultura. O dado essencial da sua cultura é o comportamento seu e dos que o cercam, o seu cotidiano. Quem lhe der isso, suprindo suas necessidades mais essenciais de cultura (uma necessidade que eu chamaria de antropológica) o alcançará com mais facilidade do que aquêle que simplesmente lhe der esquemas dramáticos. O chamado filme "difícil" não existe. Êle só é difícil quando não represente nada para ninguém. A própria bilheteria de Ganga-Zumba" expressa isso com facilidade — sem ter sido um estouro de renda, foi bem recebido e está entre os melhores **bordereaux** dêste ano.

Qual a perspectiva do Cinema Brasileiro?

Ninguém segura mais o cinema brasileiro. Êle existe, êle vive, impressiona, respira, discute. A crítica negou-se, ora por incapacidade e frustração, ora por simples esnobismo cultural, a reconhecê-lo oficialmente. Mas êle não precisa **desta** crítica. O episódio de "Deus e o Diabo na Terra do Sol", esta obra prima do cinema universal, é bem esclarecedor. Os críticos não puderam se omitir e, a contragôsto, foram obrigados a elogiar a fita. Mas nem por isso se redimiram. Com pouquíssimas exceções, continuam a ser os macróbios esclerosados de nossa cultura, por fora e atrás em muitos anos de quem faz os filmes. Do ponto de vista de produção, ainda enfrentaremos dificuldades. A mais difícil delas: o contrôle de nosso próprio mercado, entregue à tirania do cinema estrangeiro com o apoio dos trustes e dos gangsters da exibição. Mas também isso terá que ter um fim. Quanto à qualidade, utilidade e eficiência do Cinema Nôvo, quando êle é permitido nas salas de exibição, é flagrante, inconteste e definitiva. ■

teatro

Cleber Ribeiro Fernandes

"MISTER SEXO"

Mister Sexo" foi o batismo definitivo dado à "Ilha de Circe" peça escrita há dois anos atrás e só agora lançada pelo "Teatro do Rio". João Bethencourt jamais fêz segrêdo de suas intenções. Teórico lúcido, diretor eficiente, JB já mostrara com "As Provas de Amor" ser autor dos mais inspirados. Como, porém, inspiração nem sempre signifique sucesso, JB decidiu-se por uma tarefa temerária: utilizar fórmulas garantidas de êxito, produzindo de caso pensado um "texto comercial". Ora, "comercial" entre nós quer dizer, graças aos preconceitos vigentes, "concessão ao público", má qualidade, reverência à burrice. Nada disto, entretanto, atemorizou o autor que, munido de tôdas as audácias, fez muito mais: recolheu material circulante em várias áreas, tecendo com êle uma gozação em regra de (quase) tudo e de todos.

"Mister Sexo" aproveita principalmente as contradições inerentes ao comportamento da burguesia, atordoada com os limites por ela própria impostos à sua "moralidade". De equívoco em equívoco, a "comédia de erros" de JB leva naturalmente o espectador à conclusão de que a única maneira possível de viver em paz com a classe média é adotar as suas normas na aparência, para negá-las "in totum" entre quatro paredes de acôrdo com as necessidades de cada um. Enquanto isso, desfilam por entres gargalhadas, postas a nú, a prepotência de uma autoridade apenas simbólica, a mesquinharia das virtudes insatisfeitas, o desbaratamento dos ideais tidos como nobres graças ao poder econômico, e assim por diante. Neste roldão, uma preocupação política apenas, a de condenar a demagogia que não hesita em utilizar bandeiras populares com fins exclusivamente eleitorais. (Na época, nada melhor do que a pregação das "reformas de base", vistas pelo prisma "apolítico" do autor).

"Mister Sexo" foi, porém, escrita numa época em que pensar em têrmos gerais não impunha qualquer tipo de problema. Com a progressiva radicalização das várias correntes políticas, levadas à exasperação com o movimento de 1.º de abril, os tipos desenhados pelo autor desistiram de sua aparente inocuidade para designar particularidades perigosas. O libelo contra a burrice que JB compôs na maior das inocências transformou-se, à sua revelia, em crítas que zelam pelos costumes do edifício se transformaram nas vestais da CAMDEé o general que se da CAMDE; o general que se mostra capaz apenas de comandar batalhas campais em apartamento de solteiro situa à perfeição o tradicional pacifismo brasileiro: o material obceno que vem a ser encontrado justamente nos lares dos alcaguetes ilustra de maneira exata a ingenuidade do "material subversivo" encontradiço nas bibliotecas mais conservadoras.

Tantas "coincidências" devem ter deixado perplexos autor e empresários. O espetáculo que tinha como certa sua liberação pela Censura Estadual, já que João Bethencourt é funcionario de confiança do Govêrno da Guanabara, acabou tendo que enfrentar as maiores dificuldades para ser mostrado ao público. O beneplácito de cincoenta generais convidados para o ensaio geral não foi bastante para convencer os censores cuja primeira reação foi de proibir a peça pura e simplesmente. Liberada posteriormente, não nos causará surprêsa qualquer reviravolta, já que "Mister Sexo" vem sendo aplaudida em cena aberta.

Circunstâncias à parte, "Mister Sexo" é dos textos mais felizes já realizados por autor nacional. A maior prova de sua vitalidade talvez seja a resistência demonstrada em face ao violento impacto que, de uma hora para outra, modificou as perspectivas de tôda a Nação. Registramos aqui os nossos votos para que seja feita justiça a um espetáculo que atesta a maturidade de um autor, confirmando os méritos já conhecidos de um diretor — duas facetas distintas de um só e único talento. Ao "Teatro do Rio" o nosso reconhecimento por ter concordado em servir de veículo a experiência das mais arrojadas, hábito que o Teatro Brasileiro parecia já ter perdido em definitivo. Reconhecimento por essa e por outras razões também. ■

DESTAQUE

GB — FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

O Deputado Carvalho Neto apresentcu na Assembléia Legislativa, projeto de lei (N.º 760/64) dispondo sôbre a criação de uma escola de arquitetura e urbanismo na Universidade da Guanabara. A iniciativa do prof. CN é das mais felizes e oportunas.

Na justificativa do projeto de lei, o deputado salienta, com muito acêrto, que **"o desenvolvimento econômico do Rio, bem como sua condição de maior centro cultural e artístico do Brasil, tem influído decisivamente no sentido de ampliar cada vez mais o número de estabelecimentos de ensino superior em funcionamento no Estado. Existem hoje na Guanabara inúmeras faculdades, governamentais e particulares, destinadas à formação de engenheiros, médicos, advogados e outros profissionais. No entanto, inexplicàvelmente, a despeito de todo o renome internacional de nossa arquitetura e do grande número de jovens que desejam ingressar nessa carreira, existe em todo o Estado apenas um estabelecimento no gênero: a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, cujas vagas, ainda que aumentadas, são insuficientes para satisfazer à demanda dos estudantes da Guanabara e dos Estados vizinhos".**

É um fato a necessidade de outro estabelecimento para formação de arquitetos na Guanabara. Esta afirmativa, o aplauso e o integral apoio que damos a proposição do deputado CN pode parecer, em princípio, um ato contraditório. Por mais de uma vez, nas páginas de ARQUITETURA, o mercado de trabalho profissional do arquiteto foi apresentado como insuficiente, sublinhada a condição de subemprego e o desvio de função de muitos dos que concluiram os cursos de formação de arquitetura. Com efeito, o atual mercado de trabalho é fraco e escassas as oportunidades. Mas, por outro lado, o Brasil terá condições ótimas — excepcionais mesmo — para o trabalho profissional do arquiteto, se resolver enfrentar efetiva e racionalmente os seus problemas de planejamento territorial — nos niveis nacional, regional e local — e de habitação.

O agravamento dos problemas provenientes do crescimento demográfico, da industrialização e da urbanização exige — e exigirá cada vez com maior intensidade — a presença de técnicos plenamente capacitados a enfrentá-los e dar-lhes solução. A tarefa do equacionamento e da realização de programas que visem a resolver êstes problemas não é por certo obra exclusiva de um único tipo de técnico; ela requer a reunião de equipes composta por profissionais de vária formação universitária. Dentre êstes, o arquiteto — por sua específica formação e pelo sentido de visão global que dêle exige o exercício profissional — é um dos figurantes obrigatórios.

Daí nossa satisfação em saudar o projeto da lei do deputado Carvalho Neto. Precisamos, realmente, de escolas novas, pois mais cêdo ou mais tarde o vulto dêsses problemas será sentido de modo mais dramático, forçando o poder público a encará-los de forma mais objetiva e decidida e, nesta ocasião, o Brasil deverá contar com número suficiente de profissionais habilitados e capazes.

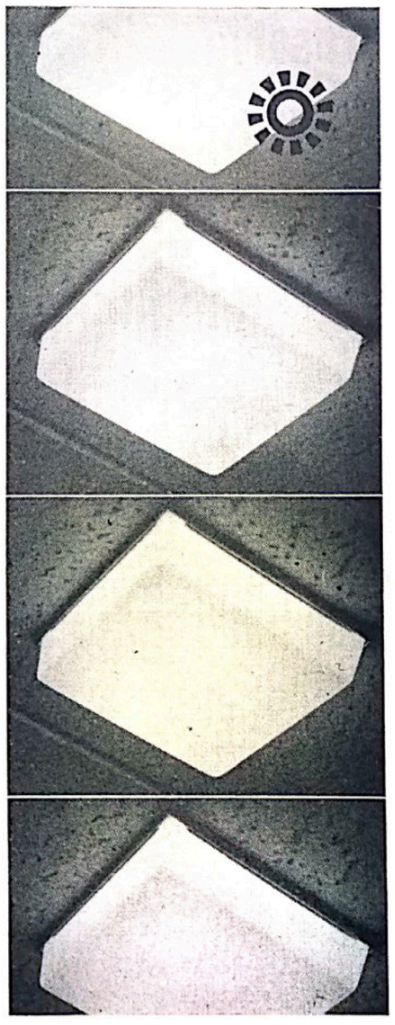
Damos a seguir o texto integral do projeto de Lei N.º 760/64 que cria a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Estado da Guanabara, apresentado no dia 30 de março de 1964.

Art. 1.º — O Poder Executivo promoverá, mediante convênio com a Universidade do Estado da Guanabara, a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Estado da Guanabara, em currículos e regimes escolares instituídos pelos órgãos competentes da referida Universidade, nos têrmos das leis federais e estaduais, aplicáveis e, sempre que possível, de acôrdo com os padrões da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

§ 1.º O Governador do Estado enviará ao Poder Legislativo, no prazo máximo de seis meses, a contar da data da publicação desta lei, mensagem solicitando os créditos necessários à desapropriação ou construção de imóveis e à aquisição de equipamentos indispensáveis ao funcionamento definitivo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado da Guanabara.

§ 2.º Fica o Poder Executivo autorizado a tomar tôdas as providências necessárias a fim de que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado da Guanabara inicie as suas atividades no ano letivo de 1965, — "Ano do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro", funcionando, provisòriamente, em dependências da Universidade do Estado da Guanabara ou em próprio estadual, pôsto à disposição da Reitoria da Universidade pelo Govêrno do Estado.

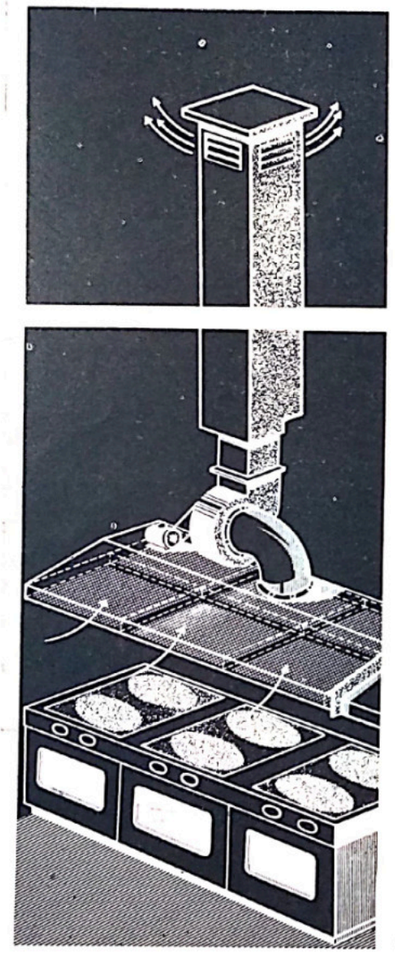
Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário. ■



LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

DECOR NEON S.A.
departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838

resolva o seu problema!



ZAULI executa as melhores instalações para exaustão de fumaça e vapores nas cozinhas com retenção das gorduras

ZAULI S.A.

ventiladores para indústria • ar condicionado • refrigeração

SÃO PAULO - RIO - BELO HORIZONTE

AZULEJOS: PROCURA MAIOR QUE A OFERTA

Alcançou aproximadamente 12 milhões de m2 de azulejos a produção nacional no correr de 1963. Dez fábricas produzem 95% do total. A maior é a Klabin, com instalações no Rio, cabendo-lhe o contrôle de mais da metade do mercado consumidor.

Entretanto, êsse nível de produção não é suficiente para atender à demanda, sempre crescente, restando margem de cêrca de 20% a preencher.

Concluídos os planos de expansão ora em execução, a produção em 1964 poderá atingir 13 milhões de m2, o que significaria mais de 3% sôbre o ano passado.

Não obstante, o panorama em nada se modificará: Klabin continuará com a maior parcela do mercado (o aumento mais significativo de produção será dessa fábrica) e a oferta ainda se manterá abaixo da procura. Cabe assinalar, neste ponto que algumas fábricas já têm encomendas para os próximos 6/7 meses e não aceitam mais pedidos antes dêsse prazo.

Planos de expansão

Merecem destaque os seguintes programas de expansão:

Klabin — Em maio próximo deverá começar a funcionar a nova fábrica instalada em Belo Horizonte. Até julho sua produção estará estabilizada em 80 mil m2 mensais. A fábrica do Rio trabalha atualmente com total aproveitamento de sua capacidade, ou seja, 525 mil m2.

Kiralux — Há pouco deve ter entrado em funcionamento um quarto fôrno, que fará a produção aumentar em 20 mil m2 por mês. Por ano, portanto, serão fabricados 1,2 milhão de m2.

Matarazzo — Embora ainda não haja projeto elaborado a respeito, pretende instalar mais um fôrno. A capacidade atual é de 109 mil m2 mensais.

Imbituba — Ainda êste mês deverá entrar em operação um quarto fôrno. A produção anual passará para 650 mil m2 (2.100 m2 diários).

Quem compra

Aproximadamente 60% do mercado consumidor estão concentrados na área Rio-São Paulo. O restante distribui-se pelo país, com predominância de Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Naturalmente, a indústria de construção civil absorve a totalidade da produção. Justamente por isso, estima-se em 10/12% ao ano a taxa de crescimento do consumo, pois observa-se constância de emprêgo crescente do azulejo, dada a melhoria do padrão de vida nos principais centros urbanos do país. ■

(Correio da Manhã de 31 de maio de 1964)

F N A PROMOVE CONCURSO ENTRE ALUNOS

O professor Ulysses Burlamaqui, da cadeira de Grandes Composições de Arquitetura, — 4.º ano da Faculdade Nacional de Arquitetura — tendo em vista as próximas comemorações do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, instituiu entre seus alunos um concurso de anteprojetos. O tema do concurso, que conta com o patrocínio do **IAB-GB**, será o do 4.º Trabalho escolar da Cadeira: um dos pavilhões da exposição comemorativa se iniciará em 1965.

O objetivo do professor Burlamaqui é o de despertar maior interêsse dos alunos no estudo e no desenvolvimento do trabalho, premiando os melhores projetos. Com a colaboração das firmas Instaladora Geral, Sisal e A. Costa Mendes & Cia. Ltda., serão conferidos prêmios em dinheiro aos 3 primeiros colocados e um especial ao melhor detalhe de cozinha. O **IAB-GB** atribuirá 3 menções honrosas, acompanhadas cada uma delas, de um livro de arquitetura.

A Comissão Diretora do **IAB-GB**, atendendo à solicitação do diretor da **FNA**, prof. Saboya Ribeiro, indicou o arquiteto Maurício Roberto, seu presidente, para integrar o júri na qualidade de Presidente de Honra.

ARQUITETURA, associando-se à iniciativa da cadeira de Grandes Composições do 4.º ano da **FNA**, publicará o trabalho premiado em 1.º lugar.

Tema

Os alunos deverão projetar um Pavilhão Industrial, destinado à mostra de produtos fabris da indústria do Estado da Guanabara. Êste pavilhão, com outros, formará o conjunto da Exposição do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. O edifício deverá ser de construção, se possível, desmontável e por exigir grandes áreas internas, estruturado de modo a conter o mínimo de pilares internos.

O local da exposição será o da área resultante do desmonte do Morro de Santo Antônio, conforme está assinalado em planta a ser fornecida aos alunos.

Programa

Em local próximo à entrada do parque os alunos deverão projetar o símbolo da Exposição, de caráter monumental, destinado a ser visto à distância e a se destacar nitidamente dos prédios circundantes.

O Pavilhão Industrial contará de:

A) Parte Pública e Social

1 — Amplo hall de entrada, com local para recepção e informações, chapelaria, charutaria; recantos para estar e descanso; local para pequenas exposições transitórias referentes a assuntos industriais; sanitário para o público.

2 — Área de exposição permanente, com cêrca de 4.000 m2, onde se situarão os "stands" das diversas fábricas, distribuídas em 1 ou 2 pisos. No caso de solução em 2 pisos, o 2.º pavimento não ocupará mais de 1/3 da área do térreo, devendo ser atingido por um número conveniente de escadas ou rampas. Depósitos; sanitários para o público e sanitários-vestiários para funcionários.

3 — Bar e restaurante para 140 pessoas abrigadas, além de 20 mesinhas ao ar-livre; copa-cozinha, frigoríficos, despensa; refeitório e sanitários para empregados; sanitários para público, buate com pista de danças e local para pequeno conjunto musical.

4 — Auditório para conferências, reuniões e convenções industriais, com possibilidades de exibição de filmes, constando de sala de espera e balcão de informações, chapelaria, bomboniere, bar, sanitários para o público, platéia com 250 lugares, palco com espaço para mesa de conferências, tela escamoteável, 2 salas para conferencistas, com sanitários.

Obs.: Os elementos arquitetônicos indicados acima poderão compôr um edifício único ou serem distribuídos em unidades separadas, mas neste caso formando um todo harmonioso e interdependente.

B) Parte Administrativa

Constará de um conjunto de 3 salas para o administrador e seus assessores com sanitários, vestiários e depósito.

C) Anexos

Perto do Pavilhão reservar-se-á uma área para exibição ao ar livre de máquinas de indústria pesada; o aluno indicará espaços para jardins, lagos, espelhos d'água, caminhos para pedestres, etc. que completam a urbanização.

As áreas para estacionamento de veículos não fazem parte do presente tema, pois serão demarcadas pela comissão do IV Centenário, em regiões a serem estudadas, possìvelmente distantes do Pavilhão Industrial.

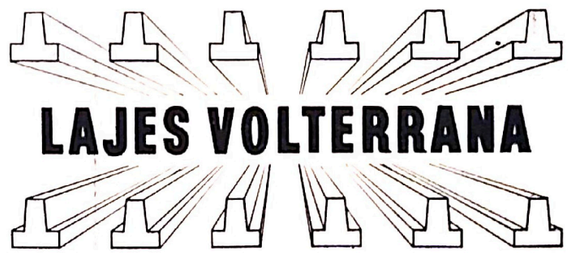
Exigências Mínimas

Plantas baixas de todos os elementos ..... Escala 1.200
1 corte transversal .. Escala 1.200
1 fachada do conjunto Escala 1.200
Planta e 1 elevação do monumento símbolo .. Escala 1.100 ou 1.50
1 Perspectiva externa do conjunto
Planta de situação .. Escala 1.500



Além de garantia - dá mais economia!

50% no tempo exigido pelas lajes comuns. 30% no custo do lajeamento. 70% na mão de obra. 10% no custo total da estrutura. 100% no isolamento termo-acustico. 80% no escoramento. (Adapta-se a qualquer estrutura. Simplifica a compra e desafoga a obra). Comprove êstes dados visitando construções que têm esta placa:



Lajes pré-fabricadas para pisos e forros. Lajotas de cerâmica ou de concreto. Lajes "X" com armação cruzada para casos específicos. Consulte-nos para maior eficiência de sua construção.

Colábor SFCP.302

SÃO PAULO (Barão de Itapetininga, 151 – 11.º – Fone 35-7245) — RIO (Rua da Lapa, 180 5.º – Fone 22-5470) — BELO HORIZONTE (Rua São Paulo, 893 – 8.º – Fone 4-1326) RIBEIRÃO PRETO (Rua Álvares Cabral, 576 – Fone 3701) — BRASÍLIA — RECIFE

Estudo em planta da cozinha, mostrando a distribuição de peças bem como a instalação hidráulica e de esgôto **Escala 1:50**. Detalhe de um dos "stands" internos para uso da SISAL — com elevações, planta e perspectiva. Escalas livres.

Prazo da Execução

O trabalho realizar-se-á no período de setembro a novembro de 1964 em data a ser oportunamente determinada.

Prêmios

Serão atribuídos os seguintes prêmios:

1.º prêmio — Instaladora Geral ..... Cr$ 100.000,00
2.º prêmio — Sisal ... Cr$ 70.000,00
3.º prêmio — A. Costa Mendes & Cia. Ltda Cr$ 50.000,00
Prêmio Especial — Instaladora Geral ..... Cr$ 30.000,00

Nota: O prêmio especial será conferido ao melhor detalhe de cozinha.

Menções honrosas (3) a serem atribuídas pelo **IAB-GB** e que constarão de um diploma e de um livro de arquitetura.

Os prêmios serão entregues em solenidade pública, no recinto da **FNA**, no final do período de aulas em data a ser oportunamente anunciada.

Julgamento

O julgamento dos trabalhos será feito pelos professores da Cadeira e um arquiteto da firma Instaladora Geral, que se ocupará especificamente do Prêmio Especial. O arquiteto Mauricio Roberto, presidente do **IAB-GB**, será o Presidente de Honra do júri. ■

ESTANTE

● **PROBLEMAS DE URBANIZAÇÃO**

Primeiro Relatório da Comissão de Técnicos Sôbre Aspectos de Saúde Pública da Habitação.

O relatório enumera os critérios de salubridade que devem ser seguidos nos meios residenciais, levando em conta os planos das habitações individuais, o equipamento sanitário e doméstico, os fatores fisiológicos, as questões de segurança e de conservação, os serviços públicos disponíveis e o planejamento racional das cidades e dos campos.

Publicação da OMS (Organização Mundial de Saúde), Genebra, 1961 — Série Relatórios Técnicos n.º 225, pub. em inglês, francês e espanhol, 62 págs., 16x24 cm, preço US$ 0.60. ■

● **SERVIÇOS DE SAÚDE URBANOS**

Quinto relatório da Comissão de Técnicos sôbre Administração de Saúde Pública.

Este relatório focaliza alguns dos mais graves problemas acarretados freqüentemente pela urbanização — a falta de higiene, a doença, o ruído, a poluição do ar e a superlotação — indicando os meios de os evitar e combater, através de instruções sôbre a organização dos serviços urbanos de saúde; tais serviços exigem legislação e estrutura administrativa apropriada e verbas regulares. O relatório discute ainda a participação do público nos programas de saúde pública, o recrutamento de pessoal e a necessidade de planejamento e divulga lista completa dos estudos técnicos e dos levantamentos necessários para coletas de dados.

Publicação da OMS, Genebra 1963, série Relatórios Técnicos n.º 250, publicado em inglês, francês e espanhol, 35 págs. Preço US$ 0.60. ■

● **ASPECTOS DA POLUIÇÃO DA ÁGUA**

Seleção das comunicações preparadas para a Conferência Sôbre Problemas da Poluição da Água.

Vários autores discutiram em Genebra os aspectos administrativos, jurídicos, financeiros e econômicos do combate à poluição da água e suas relações com a saúde pública. A poluição da água nas zonas industriais densamente povoadas é uma constante ameaça à saúde pública e exerce uma influência perniciosa sôbre as economias nacionais.

Publicação da OMS — Genebra, 1962, reunindo texto de vários autores, série monografias de Saúde Pública n.º 13, editada em inglês e francês, 117 págs. Preço US$ 1.25. ■

VIDROTIL — Mosáico Vidroso

Para revestimentos, pavimentações e decorações.



São Paulo: VIDROTIL Ind. Com. — Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 306 — Tel.: 35-5288 — End. Telegr.: "VIDROTIL"
Rio de Janeiro: Arthur Krug — Rua Prefeito João Felipe, 382 — Tel.: 34-9177

NOTICIAS

● **HOLANDA: "PRÊMIO DA CRÍTICA 1962" PARA ARQUITETOS**

(S.H.I.) — Os arquitetos holandeses Van den Broek e Bakema foram agraciados com o "Prêmio da Crítica 1962". Uma exposição dos trabalhos dos dois arquitetos foi organizada e exibida sucessivamente em Roterdam, Roma e Stutgart, como conseqüência do prêmio.

A obra de Van den Broek e de Bakema ocupa um lugar de destaque tanto na arquitetura holandesa de após-guerra, quanto no panorama da arquitetura contemporânea mundial. Os arquitetos premiados foram criadores de uma arquitetura humana, equilibrada e sobretudo adaptada ao seu país.

J.H. Van den Broek nasceu em 1889 e diplomou-se em 1924 pela Escola Politécnica de Delft. Antes da guerra colaborou com Van der Vlught e Brinkman, eminentes pioneiros da nova escola arquitetônica holandesa.

J.B. Bakema pertence a uma geração seguinte a de Van den Broek. Bakema nasceu em 1914 e diplomou-se na Academia de Amsterdam em 1941. Juntamente com Van Tijen e Maaskant participou no estudo das novas possibilidades habitacionais de Roterdam. Sua associação com Van den Broek data de 1948. Do trabalho comum dos dois arquitetos nasceu uma obra de grande categoria. Como exemplos podem ser citadas, dentre o conjunto considerável de suas obras: o Centro Comercial de Roterdam; a Escola Montessori (1957-1958); inúmeros prédios de apartamentos, entre êstes o construído no Interbau, de Berlim em 1957 e a Prefeitura Municipal de Marl, na Alemanha. ■

● **LUXEMBURGO — CONCURSO PARA PLANEJAMENTO DO TERRITÓRIO DOS MUNICÍPIOS DE ETTELBRUCK E ERPELDANGE**

O fato de pela primeira vez, no Grande Ducado, dois municípios se associarem para equacionar os seus problemas de planejamento territorial, foi ressaltado pelo prefeito Dr. Leon Mischo, como uma feliz circunstância. O prefeito sublinhou ainda, ao abrir os trabalhos do júri, a importância dos problemas colocados pelo concurso.

O júri, — composto por E.M. Buskens, (Holanda), E. Parent (Bélgica), C. Van Esteren (Bélgica), E. Wadepohl (Alemanha Ocidental), A. Eyschen, C. Gilardin, H. Luja e M. Willems (Luxemburgo) — decidiu que nenhum dos projetos apresentados era digno de receber o primeiro prêmio, e classificou com o segundo prêmio o projeto n.º 251.536 de autoria da equipe integrada por Norbert Engel (Luxemburgo) Rudolf Krueger e Till Krueger e seu colaborador Karl-Ludwig Rieger (Saar). Neste projeto, comentou o júri, "as funções das diversas partes do território estão claramente expressas e bem equilibradas. A organização das zonas de habitação é conveniente, tanto do ponto de vista da circulação de veículos e de pedestres quanto da distribuição dos espaços verdes. O projeto prevê, por outro lado, uma judiciosa renovação urbana a ser executada a curto, médio e longo prazo, cuja necessidade é evidente".

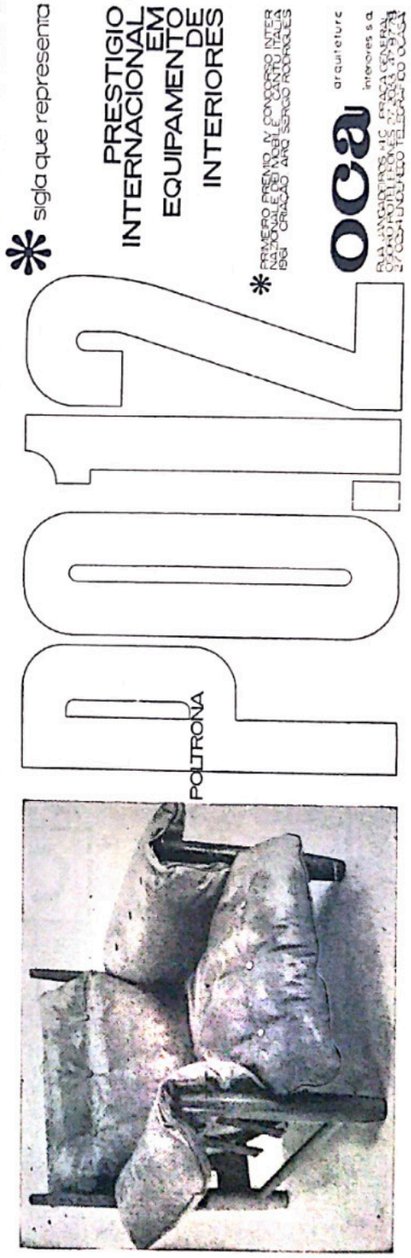
O júri premiou ainda o projeto n.º 713.713, de autoria da equipe composta por Will Faber, R.F. Heintz-Sturm Emile Feierstein e Norbert Mangen, classificando-o em 3.º lugar. ■

● **CONCURSO "CASA EUROPÉIA 1963"**

A Feira Internacional de Gand organizou pela 5.ª vez o concurso de arquitetura e técnica, "A Casa Européia". Êste concurso visa o estudo de uma casa individual destinada a uma família composta pelos pais e quatro filhos. A família considerada e a de um operário qualificado ou de outro assalariado do mesmo nível. As casas destinam-se a um clima análogo ao da Bélgica.

Concorreram 35 projetos de arquitetos dos seis países membros do Mercado Comum Europeu e o resultado foi o seguinte:

1.º Gg. Friedrich Weisbrod e Roland Falkenhagen (Ludwigshafen)
2.º Jena-Pierre Watel (Lille)
3.º E. Baeyens e J. Robben (Bruxelas)
4.º Jena Englebert (Angleur-Luège)
5.º Jan Wienke (Frankfurt)
6.º Fernand Sohler (Bruges)
7.º Uwe Wienke (Frankfurt)
8.º T. de Jong (Ter Apel)
9.º Herwig Meese, Reinhold Boslmann e Paul Wirth (Hamburgo)
10.º Jan de Jeagere (Courtral). ■



● ARQUITETOS DE PAÍSES MEMBROS DO MERCADO COMUM EUROPEU

Reuniu-se em Bruxelas o Comitê de Ligação dos Arquitetos do Mercado Comum. Para debater aspectos do exercício profissional, normas de conduta e equivalência de diplomas nos 6 países membros do MCE. As resoluções aprovadas são provisórias mas foram consideradas satisfatórias. ■

CONCURSO — MONUMENTO À FUNDAÇÃO DE GOIÂNIA

O Govêrno do Estado de Goiás, para demonstrar seu reconhecimento ao ânimo realizador da geração que transferiu a capital daquela unidade da Federação, decidiu erigir um monumento alusivo à Fundação de Goiânia. Êste monumento será objeto de concurso público de anteprojetos, aberto a todos os arquitetos brasileiros.

O edital e o programa do concurso foram elaborados pela Secretaria de Viação e Obras Públicas com a colaboração do Instituto de Arquitetos do Brasil — Delegacia de Goiás.

O prazo para inscrições termina dia 30 de julho de 1964, simultâneamente com o de entrega dos trabalhos. As inscrições poderão ser feitas na Secretaria de Viação, pessoalmente, ou através de requerimento, com firma reconhecida, acompanhado de cópia fotostática da carteira expedida pela CREA respectivo.

Ao vencedor será atribuído o prêmio de Cr$ 1.000.000,00. Três outros prêmios de Cr$ 500.000,00, Cr$ 300.000,00 e Cr$ 200.000,00, serão conferidos aos concorrentes classificados em 2.º, 3.º e 4.º lugares, respectivamente.

Ao vencedor caberá ainda, o desenvolvimento do projeto e trabalhos complementares (Decoração, Paisagismo e Mobiliário), calculada a sua remuneração de acôrdo com o que estabelece a tabela vigente para pagamento de direitos autorais do IAB. ■

● CURSO DE PLANEJAMENTO DE HOSPITAIS

Promovido pela Academia Brasileira de Administração Hospitalar, será iniciado em 1 de agôsto do corrente ano um curso de planejamento hospitalar. O curso foi organizado pelo arquiteto Morales Ribeiro e está dividido em 3 partes que serão desenvolvidas num total de 30 horas.

Programa do curso

1.ª Parte

1 — O programa médico funcional como ponto de partida aos estudos do arquiteto. A constituição e organização da equipe de planejamento. A responsabilidade individual e conjunta da equipe. O arquiteto, o consultor hospitalar e o consultor de instalações.

2 — Interpretação do programa médico funcional. Previsões de áreas de departamentos, serviços gerais e áreas para circulações. Fluxogramas.

3 — Estudo do partido arquitetônico em função das áreas previstas, das limitações do terreno e de sua locação urbana. Posição predominante dos serviços de utilidade pública.

4 — Estudos Econômicos. Previsões preliminares de custos estimados e comparativos para construção, equipamento e instalação de hospitais. A organização e coordenação geral do projeto. Cronogramas, etapas de trabalho e previsão geral de plantas e especificações.

5 — A apresentação do anteprojeto em decorrência das etapas anteriores. Modulação estrutural. A política necessária à sua plena aprovação por órgãos públicos ou comissões técnicas. Tendências atuais no planejamento de hospitais no Brasil e no estrangeiro.

6 — O projeto estrutural e suas limitações em função de arquitetura e das instalações. Índices comparativos Cargas úteis por departamento e previsão de cargas fixas. A apresentação das plantas preliminares de pilares e fundações. Desdobramento do projeto.

7 — O problema das instalações para o arquiteto. Sua interferência com a arquitetura. Previsão e zoneamento dos sistemas tubulares. Disposição, de shafts, pisos e tetos visitáveis. Chaminés, reservatórios e casas de máquinas das instalações centrais. Diagramas preliminares.

2.ª Parte

8 — Instalações mecânicas, ar condicionado, ventilação mecânica, elevadores. Sua classificação, composição e previsão. Critérios para o seu dimensionamento e especificação. Normas nacionais e internacionais.

9 — Instalações Especiais — cozinha, lavanderia, casa de caldeira e incineração de lixo. Esterilização. Oxigênio e vácuo centrais. Normas nacionais e internacionais. O planejamento visando a manutenção e o custo de operação.

10 — Instalações elétricas e comunicações. Sua classificação. Critérios para a sua composição e dimensionamento. Normas nacionais e internacionais. Suas particularidades no campo hospitalar. Cargas e consumos. Fatores de demanda. Especificações. Rêde de emergência. Geradores e baterias.

11 — Instalações hidráulicas — Sua importância na higiene do hospital. Classificação e composição das rêdes, detalhes especiais. O problema delicado de sua manutenção em instituições hospitalares.

3.ª Parte

12 — O planejamento detalhado das instituições. Sua importância para o arquiteto, o engenheiro e o projeto definitivo. Programação de entregas e coordenação técnica. A manutenção das instalações e o seu custo de operação.

O projeto definitivo de arquitetura. Sua conclusão final em decorrência dos projetos de instalações e de estrutura.

14 — O detalhamento de arquitetura. Detalhes gerais de construção e detalhes especializados para hospitais. Atualização e modificações de plantas. A fiscalização da execução. A importância do detalhe no sucesso do projeto e do hospital. Especificações.

15 — Conclusão. Debates. Consultas e mesa redonda entre professoras e alunos. ■

● MAIS IRRIGAÇÃO, MAIS DOENÇA

Observou-se que a esquistossomose continua a expandir-se, principalmente em conseqüência da ampliação da irrigação agrícola. A **OMS** foi consultada sôbre a instalação de rêdes de irrigação isentas do risco de aumento da incidência da esquistossomose. ■

CONCRETO ARMADO PREMOLDADO
REPRESENTAÇÕES E ENGENHARIA

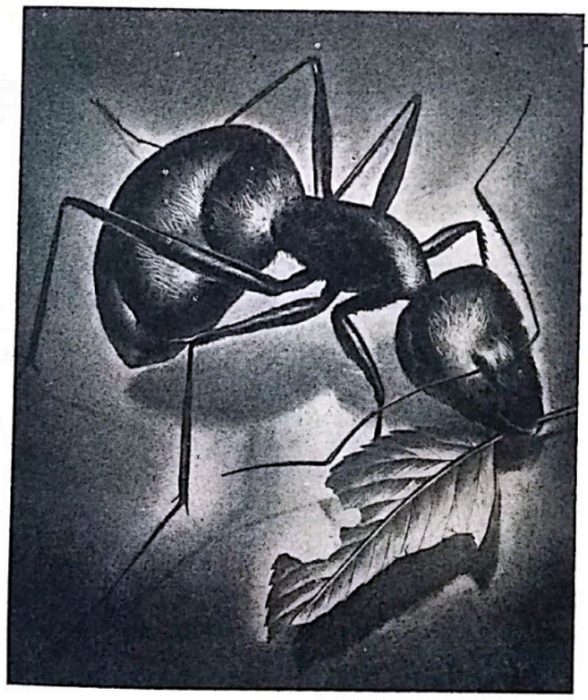
CAPRE

REPRESENTANTE DE

POSTES CAVAN S. A.

Postes de Concreto Armado
Para Tôdas as Finalidades

Av. Presidente Antônio Carlos, 615 - Grupo 1004
Telefones: 22-0609 e 42-6826 - Rio de Janeiro - GB



ECONOMIA

As formigas são dotadas de excepcionais qualidades de economia e não perdem tempo no verão, suprindo os seus celeiros contra os rigores do inverno. Aprenda com as formiguinhas a economizar o seu dinheiro empregando em suas construções um material que lhe dê o máximo de rendimento.

O cimento Portland Mauá supéra as especificações exigidas para cimento Portland no mundo inteiro

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

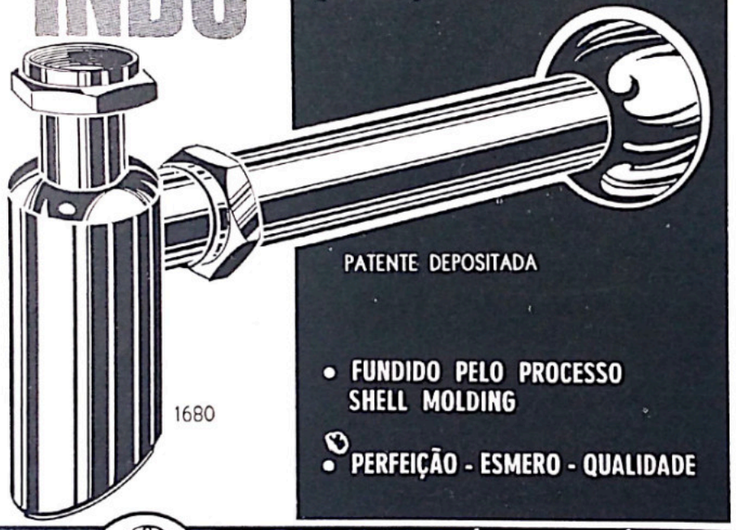
CIA. NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND MAUÁ BRASIL

A MELHOR LINHA DE METAIS PARA LOUÇAS

NOVO
SIFÃO
COMPACTO
INDU

PARA LAVATÓRIOS E PIAS

Único que pode ser instalado em conjuntos de louça, sem ser necessária a remoção do pedestal para limpeza.



PATENTE DEPOSITADA

1680

- FUNDIDO PELO PROCESSO SHELL MOLDING
- PERFEIÇÃO - ESMERO - QUALIDADE

INDU COMPANHIA INDÚSTRIA METALÚRGICA
RUA NERVAL GOUVEIA, 273 · TEL. 29-9900
CENTRO: AV. RIO BRANCO, 151 - S/1002 - TEL. 42-5518
RIO DE JANEIRO GB

• XIII SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA

Arquitetura

O Juri do XIII Salão Paulista, seção de Arquitetura, conferiu aos arquitetos Decio Tozzi e Luis Carlos Ramos o 1.º Prêmio "Govêrno do Estado", no valor de Cr$ 150.000,00, pelo trabalho "Unidade Residencial de Operadores da Usina Hidrelétrica de Ibitinga". O 2.º prêmio "Govêrno do Estado" de Cr$ 100.000,00 foi conferido ao "Instituto de Solos Tropicais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz", de autoria dos arquitetos Gesel Adolpho Himmelstein e Ivan Gilberto Castaldi. O arquiteto Júlio Franco Neves recebeu a "Grande Medalha de Prata" pelo trabalho "Conjunto Cidade-Luz".

Pintura

O prêmio máximo do XIII Salão — prêmio de viagem ao país, com a dotação de Cr$ 500.000,00 — coube a Odetto Guersoni pelo trabalho "Serpentes Encantadas".

Escultura

O primeiro prêmio de Cr$ 150.000,00 foi conferido a "Abstração" de Braz Odorico Pimentel. ■

• MATERIAIS PLÁSTICOS NA CONSTRUÇÃO

Foi fundado na Argentina — Buenos Aires, Suipacha, 268 — 7.º piso — um **Instituto para o Desenvolvimento de los Materiales Plásticos en la Construcción,** com as seguintes funções e serviços: 1) assessoramento a profissionais — arquitetos, engenheiros e construtores; 2) assessoramento e cooperação com a indústria; 3) estudos e pesquisas; 4) experiências e provas; 5) normalização; 6) difusão — incluindo a publicação de uma revista; 7) biblioteca e fichário. O **IPC** é uma entidade sem fins lucrativos criada com o apôio da maioria da indústria química pesada que se dedica à produção de resinas sintéticas, dos fabricantes de materiais plásticos e de diversas associações profissionais. O propósito fundamental da instituição é o de promover, dentro do campo estritamente profissional e à margem de qualquer interêsse comercial, o desenvolvimento técnico do uso dos materiais plásticos na construção de edifícios. Dentro do seu programa, o Instituto propõe-se a prestar, sem qualquer ônus, os seguintes serviços: a) assessoria técnico-especializada sôbre assuntos relacionados com o uso dos materiais plásticos. b) pesquisa tecnológica relativa à possibilidade de novas aplicações. c) responder consultas. d) Análise de possíveis inconvenientes provenientes do emprêgo de materiais plásticos, sugerindo medidas que possam saná-los. e) envio da Revista e demais publicações do **IPC,** a preço de custo. ■

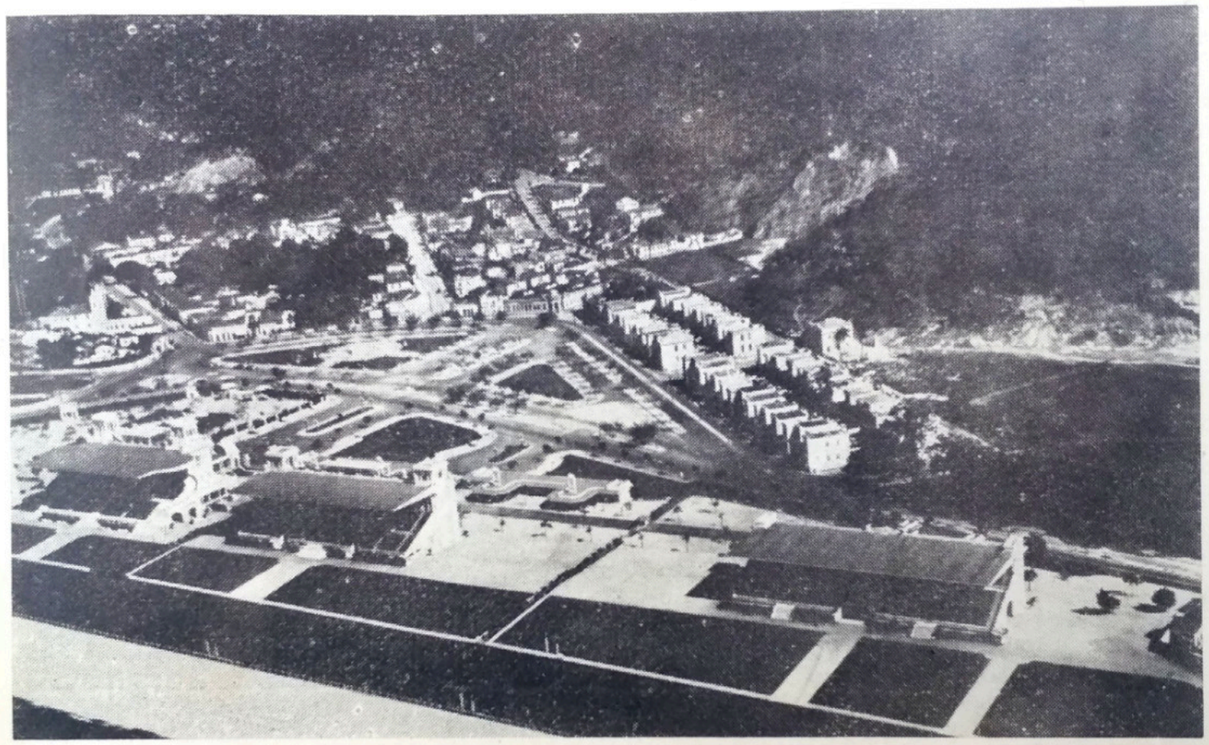
• CREA 5.ª REGIÃO — NOVOS PRESIDENTES

O engenheiro Mário Monteiro de Abreu Pinto é o nôvo presidente do CREA-5.ª Região, de acôrdo com a recomposição levada a efeito em reunião realizada no dia 29 de maio último. Completam a nova Diretoria, o arquiteto Umbelino Pereira Martins, vice-presidente; engenheiro José de Barros Ramalho Ortigão Júnior, secretário; e engenheiro Geraldo de Moraes Neto, tesoureiro.

Em conseqüência da licença concedida ao presidente Mário Monteiro Pinto, nomeado para a Secretaria de Estado de Comunicações e Transportes do govêrno fluminense, assumiu a presidência do CREA o arquiteto Umbelino Martins, vice-presidente. ■

IMPERMEABILIZAÇÕES...

Terraços — Marquises — Piscinas — Caixas d'água — Calhas — Subsolos



As Marquises das tribunas do Hipódromo da Gávea foram impermeabilizadas pela CAVO em 1926, pelo sistema membrana, com cobertura Genasco, Ardósia, Verde.

CAVO

COMPANHIA AUXILIAR DE VIAÇÃO E OBRAS

MATRIZ
R. SANTA LUZIA, 685 - 10.º
TEL. 32-2270
TELEG. "NEUCHATEL"
RIO DE JANEIRO

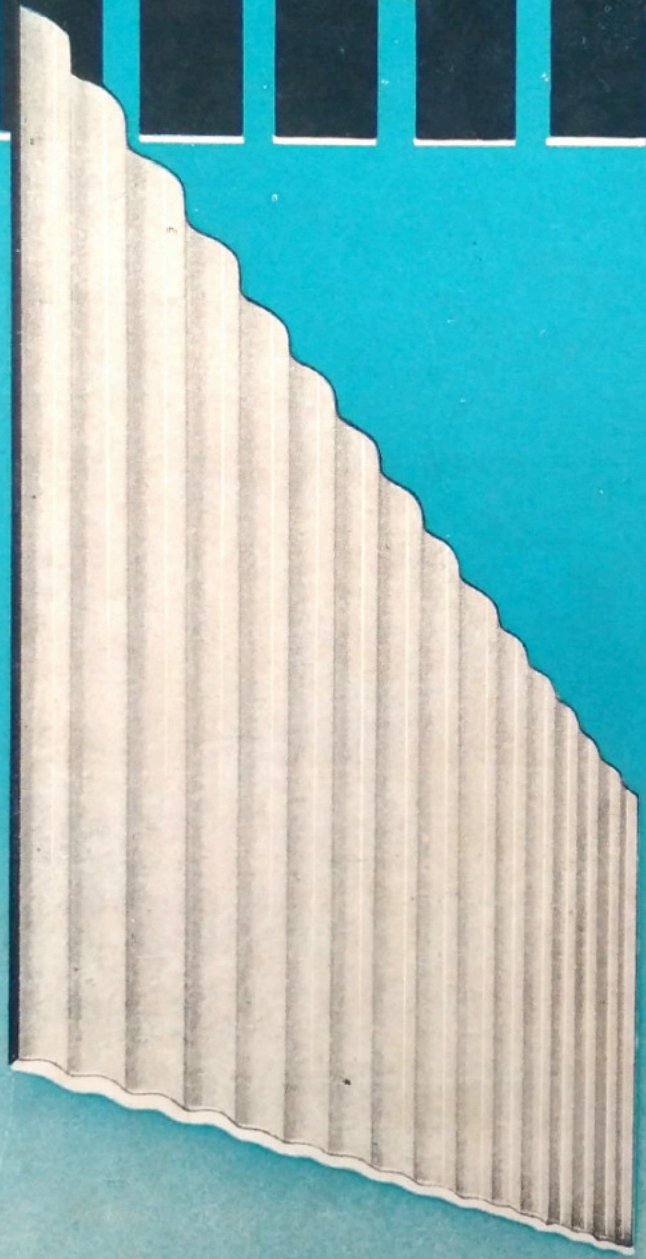
FILIAL
R. PRES. SOARES BRANDÃO, 163
TEL. 33-5998
TELEG. "NEUCHATEL"
SÃO PAULO

FILIAL
RUA GOITACAZES, 14 - S 601
TEL. 2-1617
TELEG. "NEUCHATEL"
BELO HORIZONTE

FILIAL
RUA 15 DE NOVEMBRO, 556, SALA 701/2
TEL. 4-1220
TELEG. "NEUCHATEL"
CURITIBA

FILIAL
AV. DAS NAÇÕES S/N
TEL. 2-1867
BRASÍLIA

CHAPAS



DE ALUMÍNIO CORRUGADAS PARA COBERTURAS

Companhia Brasileira de Alumínio
RUA RIZKALLAH JORGE, 50 - 11.º ANDAR - SÃO PAULO

CBA